



Programa de Pós-Graduação em  
**LINGUÍSTICA**

---

**OS LUDOLINGUISTAS E AS FRASES DE DUPLO SENTIDO:  
ALGUMAS NOTAS DE LEITURA**

**São Carlos  
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

BRUNA CRISTINA DE SOUZA COELHO

**OS LUDOSLINGUISTAS E AS FRASES DE DUPLO SENTIDO: ALGUMAS NOTAS  
DE LEITURA**

SÃO CARLOS-SP  
2025

BRUNA CRISTINA DE SOUZA COELHO

**OS LUDOSLINGUISTAS E AS FRASE DE DUPLO SENTIDO: ALGUMAS NOTAS  
DE LEITURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser  
Baronas

São Carlos-SP  
2025

## FICHA CATALOGRÁFICA

Coelho., Bruna Cristina de Souza

Os Ludolinguistas E As Frases de Duplo Sentido: Algumas Notas de leitura / Bruna Cristina de Souza Coelho. -- 2024.  
91f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Roberto Leiser Baronas

Banca Examinadora: Roberto Leiser Baronas, Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

Bibliografia

1. Linguística popular. 2. Discurso. 3. Frases de duplo sentido.. I. Coelho., Bruna Cristina de Souza. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Bruna Cristina de Souza Coelho, realizada em 09/02/2024.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

Prof. Dr. Marcelo Rocha Barros Gonçalves (UFMS)

Profa. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araujo (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, que é Mãe, Pai, Filho, Espírito Santo e tudo mais.

A Marilena Inácio de Souza, minha mãe e eterna orientadora de vida, que desde muito cedo me ensinou a trilhar os caminhos da liberdade por meio do conhecimento. Sem ela, nada seria possível.

Aos meus filhos, Miguel e Aurora, por me ensinarem todos os dias o valor das coisas simples.

Ao meu grande amigo Rafael Falceti, companheiro de vida e de estrelas, cujo apoio incondicional e amizade sólida aliviam todos os ônus desta existência.

Ao Professor Roberto por me orientar nessa jornada e a todo corpo docente do PPGL pelo tesouro de conhecimento compartilhado.

## RESUMO

Paveau (2008; 2018 e 2020) identifica quatro tipos de práticas linguísticas dos não-linguistas: descritivas, prescritivas e intervencionistas e militantes. E, fugindo ao binarismo cartesiano – linguistas *versus* não linguistas – propõe uma classificação dos praticantes da linguística *folk*, a partir de “um *continuum* entre aqueles que fazem da linguística uma ciência una e aqueles que não” (PAVEAU, 2018, p. 24-25). Por ordem decrescente de domínio de um saber linguístico especializado, o *continuum* vai do linguista profissional, o cientista da linguagem, ao homem comum. Dentre os não linguistas, estão no entendimento de Paveau (2008), por exemplo, os ludolinguistas – atores sociais que (in)conscientemente produzem saberes com e sobre a língua e a linguagem. Com base na tipologia proposta por Paveau (2008; 2018 e 2020), buscamos aprofundar discursivamente um tipo particular de trabalho dos ludolinguistas, que é a produção e a circulação de frases de duplo sentido. Para este estudo, selecionamos frases de caráter malicioso. Interessa-nos observar como é possível que não linguistas produzam saberes linguísticos, apresentando o saber *folk* como um saber prático e útil que ajuda os locutores a manterem e/ou transformarem a sociedade. Partimos da posição antieliminativa proposta pela teórica francesa: “os enunciados populares não são necessariamente crenças falsas, equivocadas a serem eliminadas da ciência. Constituem ao contrário saberes perceptivos, subjetivos e incompletos a serem integrados aos dados científicos da linguística” (PAVEAU, 2008, p. 8)”. Assim, buscamos averiguar ainda em que medida os pré-discursos (crenças e saberes partilhados), inscritos na materialidade linguística dessas frases irrigam a memória discursiva de sua produção e circulação, fazendo emergir saberes que registram e engendram pertencimentos ou estranhamentos em relação a outros discursos, por exemplo, o discurso machista, os discursos tabus, relacionados ao sexo, à homossexualidade, à religião, ao trabalho etc.

**Palavras-chave:** Linguística popular. Discurso. Frases de duplo sentido.

## ABSTRACT

Paveau (2008; 2018 and 2020) identifies four types of linguistic practice by non-linguists: descriptive, prescriptive, interventionist and militant. And, eschewing Cartesian binarism - linguists versus non-linguists - he proposes a classification of folk linguistics practitioners, based on "a continuum between those who make linguistics a single science and those who do not" (PAVEAU, 2018, p. 24-25). In descending order of mastery of specialized linguistic knowledge, the continuum goes from the professional linguist, the language scientist, to the common man. Paveau (2008) considers non-linguists to include, for example, ludolinguists - social actors who (in)consciously produce knowledge with and about language and language. Based on the typology proposed by Paveau (2008; 2018 and 2020), we seek to discursively deepen a particular type of work by ludolinguists, which is the production and circulation of double-meaning phrases. For this study, we selected phrases of a malicious nature. We are interested in observing how it is possible for non-linguists to produce linguistic knowledge, presenting folk knowledge as practical and useful knowledge that helps speakers to maintain and/or transform society. We start from the anti-eliminationist position proposed by the French theorist: "Folk statements are not necessarily false, mistaken beliefs to be eliminated from science. On the contrary, they constitute perceptive, subjective and incomplete knowledge to be integrated into the scientific data of linguistics" (PAVEAU, 2008, p. 8)". Thus, we also sought to ascertain to what extent the pre-discourses (shared beliefs and knowledge) inscribed in the linguistic materiality of these sentences irrigate the discursive memory of their production and circulation, bringing out knowledge that registers and engenders belonging or estrangement in relation to other discourses, for example, sexist discourse, taboo discourses related to sex, homosexuality, religion, work, etc.

**Key words:** Folk linguistics; discourse; double entendre phrases.



Disponível em: <https://descomplica.com.br/blog/portugues/lista-ambiguidade-polissemia/>. Acesso em nov. de 2023.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I .....	23
LINGUÍSTICA FOLK/POPULAR: O ARCABOUÇO TEÓRICO METODOLÓGICO DO ESTUDO.....	23
1.1 Notas sobre a Linguística folk: apresentação de um procedimento linguageiro... ..	23
1.2 Sobre os não-linguistas e/ou ludolinguistas: quem, como e onde atuam?.....	31
CAPÍTULO II .....	38
MEMÓRIA, PRÉ-DISCURSO E INTERDISCURSO: O QUADRO CONCEITUAL DE REFERÊNCIA .....	38
2.1 Sobre o papel da memória.....	39
2.2 A memória discursiva e sua relação com o interdiscurso e/ou com o pré-discurso ..	46
CAPÍTULO III.....	51
FRASES DE DUPLO SENTIDO NA PEÇA “NÓS NA FITA”: DAS PRÁTICAS LINGUAGEIRAS AO DISCURSO HUMORÍSTICO, UMA RELAÇÃO INTERDISCURSIVA.....	51
3.1 Sobre a construção do corpus e o percurso metodológico .....	52
3.2 Frases de duplo sentido e sua relação interdiscursiva: possibilidades de leitura.....	57
3.3 O sistema de restrição semântica e o trabalho metaenunciativo dos comediantes/ludolinguístas (re)orientando sentidos .....	72
BREVES CONSIDERAÇÕES... ..	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	80
ANEXOS .....	90

## INTRODUÇÃO

A epígrafe desta dissertação, uma tirinha do cartunista brasileiro Alexandre Beck, em que uma das personagens, uma criança aparece com uma placa, na qual está escrito: “Vendo pôr do sol”, despertando numa outra personagem, desta vez, um adulto, a curiosidade de perguntar: “Quanto quer pelo pôr do sol?” ao que imediatamente a criança retruca: “Não está à venda!”; “Eu estou vendo o pôr do sol!”; “Aproveite para ver também!” evidencia uma das características mais marcantes da linguagem humana que é a ambiguidade e a consequente (im)possibilidade do sentido literal e unívoco. Talvez, seja o traço que efetivamente diferencie a linguagem humana de outras linguagens.

Nesse sentido, a ambiguidade instaurada entre os verbos “ver” e “vender”, materializada no gerúndio “vendo”, seria uma metáfora, no sentido discursivo do termo, não por referência a um sentido natural, mas porque, embora a forma linguística não varie, o sentido é clivado por regiões discursivas e adquire um efeito em cada uma: “nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, esses objetos teriam a possibilidade de ser ao mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural” (PÊCHEUX, 2011, p.157); “é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências podem se construir e se deslocar historicamente” (PÊCHEUX, 2011, p.158). Eis a metáfora como importação, clivagem, construção e deslocamento da referência discursiva por meio da relação entre regiões discursivas que falam das mesmas “coisas”, mas não dizem as mesmas coisas sobre elas.

Para fechar na forma de síntese: na perspectiva de Pêcheux (2011), uma materialidade linguística não tem um sentido natural e, desse modo, contrariamente à ideologia empírica e ao

imaginário do sentido literal e unívoco, a metáfora, via importação e deslocamento, por meio de relações interdiscursivas, cliva os significantes e os coloca em eixos de equívocidade e de polissemia, gerando múltiplos efeitos, como o “vendo” que é a um só tempo igual/diferente de “ver” e “vender”.

Nesta dissertação, vamos tratar de um tipo especial de relação metafórica estabelecida pela linguagem ordinária, a saber as frases de duplo sentido. Entendemos por frases de duplo sentido às manifestações de linguagem produzidas por não-linguistas, mas que apresentam um jogo languageiro metafórico com e sobre a língua. Para dar conta dessa empreitada, poderíamos buscar amparo numa teoria, que trata das frases na sua relação com as cenas genéricas, que lhe dão guarida. Trata-se da teoria das *frases sem texto*, perquirida por Dominique Maingueneau (2010).

Segundo este autor, existe uma prática corriqueira na comunicação midiática contemporânea - a prática de destacar enunciados e fazê-los circular (transformados ou não) em novas arenas discursivas. O estudioso francês afirma que “poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual o linguista lida: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos”. E os textos, por sua vez, remetem-se a gêneros de discurso, que funcionam como quadros de referência para toda a comunicação pensável numa dada formação sócio-histórica. Maingueneau mobiliza o termo “gênero do discurso” para atividades como a participação de nascimento, o debate televisivo, a conversação, entre outros.

Todavia, a assunção de que o texto é a unidade básica de estudo não é imune a questionamentos quando o que se investiga são as práticas discursivas da mídia, esfera de comunicação em que abundam enunciados curtos, geralmente constituídos de uma única frase e que circulam fora do texto. Maingueneau (2010) chama essas pequenas frases de “enunciados destacados”, incluindo *slogans*, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa,

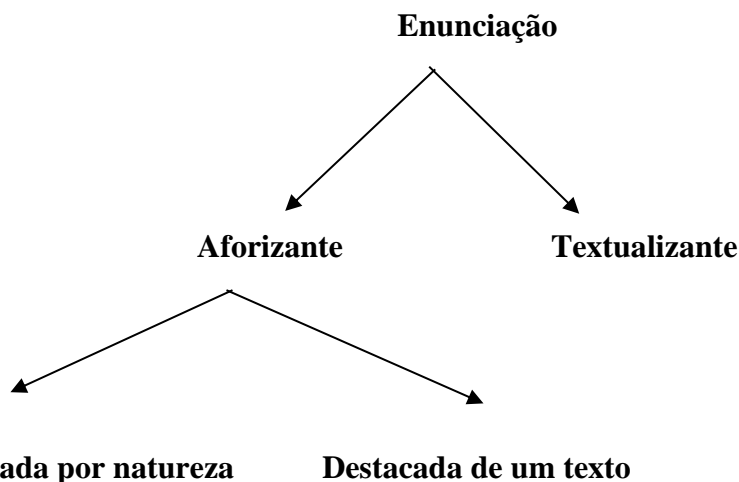
intertítulos, citações célebres etc. O autor distingue duas classes de enunciados, segundo a natureza de seu “destacamento”: a) *o constitutivo*: trata-se do enunciado naturalmente independente de um contexto e cotexto (fórmulas sentenciosas, provérbios, *slogans*, divisas etc.) e b) *o destacado* por extração de um fragmento de texto, segundo a lógica de citação.

Essa extração não se exerce de maneira indiferenciada sobre todos os constituintes de um texto, pois, frequentemente, o enunciador *sobreassevera* alguns de seus fragmentos e os apresenta como *destacáveis*. A sobreasseveração é uma modulação enunciativa que habilita formalmente um fragmento como candidato a uma *destextualização*, ou seja, é

[...] uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos: de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de destaque dentro uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)... (MAINGUENEAU, 2010, p. 11)

Num trabalho diligente de afinação dos conceitos, Maingueneau (2008, p. 92) distingue a sobreasseveração da aforização, uma vez que cada uma delas funciona segundo uma lógica enunciativa própria. Enquanto a sobreasseveração se dá no texto, pela acentuação de uma sequência contra um fundo textual, a aforização extrai os enunciados do texto e põe-nos a circular fora dele, em outras cenas de enunciação. Assim, a aforização ressignifica a citação, uma vez que não se trata mais de representar a voz do Outro, mas sim de apresentar **a Verdade** ou **a Lei**, produzida alhures a partir do contato com uma Fonte Transcendente, como se elas mesmas se apresentassem.

Segundo Maingueneau, o enunciado fonte e o enunciado destacado divergem quanto a seu estatuto pragmático. Os enunciados destacados estão sujeitos a um regime de enunciação denominado “enunciação aforizante”. Entre uma “aforização” e um texto, as diferenças não são apenas de tamanho, de forma, de sistematicidade linguística, mas sim de ordem enunciativa. O esquema a seguir representa as duas ordens enunciativas propostas pelo autor.



**Figura 1:** Esquema vetorial das ordens enunciativas (MAINGUENEAU, 2010, p.13).

Como podemos visualizar no esquema precedente, Maingueneau (2010, p. 13-15) propõe duas ordens de enunciação: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. A enunciação aforizante, por sua vez, se organiza em enunciação aforizante destacada por natureza e enunciação aforizante destacada de um texto. Elas se diferenciam da enunciação textualizante em vários aspectos. Enquanto a enunciação textualizante define posições correlativas de produção e recepção e papéis específicos para o enunciador e o enunciatário negociados em conformidade com a cena genérica, a enunciação aforizante prescinde de posições correlativas, definindo uma cena onde o locutor, um Sujeito jurídico e moral, fala a uma espécie de auditório universal. Enquanto a enunciação textualizante envolve jogos de linguagem de diversas ordens como argumentar, narrar, perguntar, responder etc., a aforizante pretende apresentar o pensamento do locutor como a verdade soberana, para além dos jogos da linguagem. Enquanto a enunciação textualizante estratifica os planos enunciativos, a aforizante tende à homogeneização. Se por um lado a enunciação textualizante varia segundo os gêneros, suportes e modos de circulação, a aforizante, por outro, não é afetada por tais condicionantes. Enquanto a enunciação textualizante ultrapassa a dimensão propriamente verbal, a aforizante pretende ser pura fala. Se a enunciação textualizante desfavorece a memorização, a aforizante

“implica a utopia de uma fala viva sempre disponível” e repetível. Por meio da aforização, o locutor busca se colocar além dos limites, condicionantes e restrições específicos de um determinado gênero do discurso:

O « aforizador » assume o *ethos* do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente. (...) Trata-se, fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito da enunciação* e *Sujeito* no sentido *jurídico e moral*: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários. (MAINGUENEAU, 2010, p.14-15).

Desse modo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador. E o aforizador, como Sujeito, “diz o que é, não no instante, mas na duração atemporal do valor” (MAINGUENEAU, 2010, p.14-15).

Para o teórico francês, a ideia central da problemática da aforização é a de que as “frases sem texto” não prescindem de textos e de gêneros para circular ou que as primeiras sejam completamente independentes dos segundos. No entendimento de Maingueneau, o essencial é que a enunciação aforizante tem um modo de funcionamento enunciativo próprio, que difere da ordem textualizante na qual estão inscritos os textos e os gêneros e que essas diferentes ordens estão em constante tensão, que pode ser mais ou menos forte. O essencial é, então, a tensão mais ou menos forte que se estabelece entre a aforização e o todo textual que a acolhe.

No entanto, uma leitura, apesar de preliminar de alguns dados, que constituem parte do nosso arquivo de pesquisa acerca das frases de duplo sentido, nos mostra que a teoria das *frases sem texto*, perquirida por Dominique Maingueneau, embora muito pertinente para dar conta de dados da comunicação midiática contemporânea, carece ainda de um maior investimento teórico-analítico, em especial, no que concerne ao duplo sentido que essas frases carregam apenso, isto é, as preocupações de Maingueneau não vão na direção de frases de duplo sentido,

mas frases que são destacadas de determinados contextos, e, nesse processo de destacamento, fornecem uma espécie de percurso deôntico de interpretação<sup>1</sup>, que busca invalidar o duplo sentido.

Entendemos com Marie-Anne Paveau (2008/2018) que as frases de duplo sentido, enquanto um trabalho linguageiro de não-linguistas, podem ser analisadas pelas lentes da Linguística popular.

No artigo “Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares”, Paveau (2018) discorre sobre a existência de um conjunto de práticas linguísticas designáveis como *folk*<sup>2</sup> que começam a ser bem compreendidas na diversidade dos lugares sociais em que se manifestam e na variedade de suas atividades com e/ou sobre a língua.

A autora classifica os praticantes da *linguística folk*, a partir de “um *continuum* entre aqueles que fazem da linguística uma ciência una e aqueles que não” (PAVEAU, 2018, p. 24-25). Por ordem decrescente de domínio especializado de um saber linguístico, o *continuum* vai do linguista profissional, o cientista da linguagem, ao homem comum. Dentre os não linguistas, estão, no entendimento de Paveau (2008), por exemplo, os ludolinguistas<sup>3</sup> (humoristas, imitadores, autores de histórias bobas, autores de jogos sobre palavras, trocadilhos, trava-línguas, charadas...).

Na esteira de Paveau (2018), interessa-nos observar nesta dissertação de mestrado como é possível que não linguistas produzam saberes linguísticos, apresentando o saber *folk* como um saber prático e útil que ajuda os locutores a manterem e/ou transformarem a sociedade.

---

<sup>1</sup> Sobre o conceito de percurso deôntico de interpretação ver o artigo de Baronas e Ponsoni, intitulado *Citação, destacabilidade e aforização no texto imagético: possibilidades?* <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4676>.

<sup>2</sup> Segundo Paveau (2020), o termo *folk* designa as regulações linguísticas feitas por atores sociais não especialistas em ciências da linguagem a partir de morais languageiras da fala.

<sup>3</sup> Compreendemos este termo na acepção de Paveau (2020), que o mobiliza para se referir aos atores sociais que mobilizam a linguagem considerando não apenas o metalinguístico, mas, também, o epilinguístico, ou seja, uma competência inconsciente, portanto, implícita da língua. Dito de outro modo, trata-se de atores que utilizam a linguagem de forma lúdica. Voltaremos a este conceito no capítulo da fundamentação teórica para melhor explicá-lo.

Partimos da posição antieliminativa proposta pela teórica francesa: “os enunciados populares não são necessariamente crenças falsas, equivocadas a serem eliminadas da ciência. Constituem, ao contrário, saberes perceptivos, subjetivos e incompletos a serem integrados aos dados científicos da linguística” (PAVEAU, 2008, p. 8).

Com efeito, a partir da tipologia proposta por Paveau, mais especificamente, este estudo busca explorar discursivamente um tipo particular de trabalho dos ludolinguistas não discutido pela autora: a produção e a circulação constante de frases de duplo sentido, tais como as retomadas pelas personagens Pedrão e Jorginho, interpretadas, respectivamente, pelos comediantes Marcius Melhem e Leandro Hassum, na peça de humor “Nós na Fita”, disponível no *YouTube*<sup>4</sup>: “Não como você, mas gostaria”; “Eu posso expor ralo aí atrás?”; “Você vende quatro que eu te dou uma montada”; “Cuidado, hein! fica passando os amigos pra trás vai ficar sujo na rodinha”; “Eu atrás de você me sinto um jegue”; “Me falaram que você carrega pouco na frente, o grosso mesmo você leva atrás”; “Sabe se um quilo de linguiça dá pra vinte comer?”; “Agora imagina, se eu cozinho com o pinto dentro?”; “Você gosta do café na cafeteira ou no coador é mais forte?” O diálogo completo é apresentado no capítulo de análise.

A análise do *corpus* centra-se numa concepção deliberadamente assentada em suas duas dimensões: enunciativa e perceptivo-cognitiva. A dimensão enunciativa é a da construção do sentido em discurso, fundada num acordo silencioso, cujo funcionamento procuramos entender, a partir da articulação da linguagem e o que veio antes independentemente em outro lugar (Pêcheux, 1995, p. 156); a dimensão perceptiva é a dos quadros de crença e de saber, que configuram e prefiguram a experiência humana, e que informam profundamente os discursos dos locutores.

Não se trata de um trabalho de cunho unicamente descritivo-interpretativo, o que já representaria uma significativa contribuição para a área de estudos linguísticos, especialmente

---

<sup>4</sup> Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=XdLFffUF3-M>

para a Análise de Discurso francesa de base enunciativa, mas de uma leitura linguístico-discursiva de natureza mais epistemológica capaz de propiciar, por um lado, a análise do papel social de ludolinguistas em nossa sociedade que, para muito além de provocar o riso, funciona como uma espécie de máquina de reprodução de discursos não licenciados (homofóbicos, machistas, sexistas). Por outro, permite “captar as práticas dos atores sociais (ludolinguistas) por meio das diferentes formas de fixação que seus discursos modelam e fazem circular” (Paveau, 2011).

Paveau reconhece que os ludolinguistas desempenham um papel significativo na sociedade, além de simplesmente provocar o riso. Eles são vistos como agentes sociais que têm o poder de reproduzir ou desafiar discursos não licenciados, como discursos homofóbicos, machistas e sexistas. Isso implica que os ludolinguistas não são apenas criadores de humor, mas também comunicadores que podem influenciar a cultura linguística e social de sua sociedade. A abordagem de Paveau se estende à análise das práticas dos atores sociais, ou seja, dos ludolinguistas, através das diferentes formas de fixação que seus discursos modelam e fazem circular. Isso sugere que ela investiga não apenas os produtos finais dos ludolinguistas, como piadas ou jogos de palavras, mas também o impacto dessas criações na sociedade, como elas são recebidas e como contribuem para a disseminação de certos discursos.

A conexão entre o trabalho de Marie-Anne Paveau e as discussões sobre o valor performativo dos metadiscursos dos ludolinguistas é profundamente enriquecedora para nossa compreensão das dinâmicas discursivas envolvidas nesse fenômeno. Paveau, por meio de sua análise crítica da linguagem e do discurso em contextos institucionais, oferece um arcabouço teórico valioso que pode ser aplicado a essa discussão específica.

Primeiramente, Paveau destaca a maneira como o poder e as hierarquias são construídos e perpetuados por meio da linguagem. No contexto dos ludolinguistas, seus metadiscursos representam uma forma de resistência simbólica, desafiando e subvertendo as normas

linguísticas e culturais estabelecidas. Essa resistência simbólica pode ser vista como um ato de contestação das estruturas de poder que moldam a linguagem e a comunicação. Além disso, a análise de Paveau se concentra na construção de identidades por meio da linguagem. Os ludolinguistas, ao criar metadiscursos que exploram jogos de palavras, humor e linguagem lúdica, estão ativamente moldando identidades criativas e reivindicando uma posição única no cenário linguístico e cultural. Isso demonstra como seus metadiscursos não são apenas formas de entretenimento, mas também veículos de autoexpressão e afirmação de uma identidade criativa.

A análise de Paveau se estende ao entendimento de como as instituições influenciam a criação e a circulação de metadiscursos humorísticos. Os ludolinguistas frequentemente operam em contextos institucionais, como a mídia ou a cultura popular, e sua capacidade de desafiar as normas institucionais por meio do humor e da linguagem lúdica pode ser vista como uma forma de resistência cultural e uma maneira de influenciar agendas institucionais. A abordagem de Paveau destaca como a linguagem pode ser usada como uma forma de resistência e subversão. Os ludolinguistas, ao desafiarem as normas linguísticas e culturais por meio de seus metadiscursos, são agentes de subversão que questionam e redefinem o status quo linguístico e cultural.

Por fim, a recepção dos metadiscursos dos ludolinguistas pelo público é um aspecto crucial que Paveau considera em sua pesquisa. Essa interação entre criadores e público molda o valor performativo desses metadiscursos, indo desde o entretenimento até a reflexão crítica. Isso destaca como os ludolinguistas não apenas criam, mas também participam ativamente de uma comunicação interpessoal que pode influenciar as percepções e as relações sociais.

Pode-se dizer então que, a aplicação dos conceitos de Marie-Anne Paveau à análise dos metadiscursos dos ludolinguistas oferece uma perspectiva rica e multifacetada sobre como esses discursos não apenas entretêm, mas também desempenham um papel crucial na

construção de significados, identidades e na contestação das normas linguísticas e culturais estabelecidas. Sua abordagem crítica e sua compreensão das dinâmicas institucionais e sociais são valiosas para desvendar o valor performativo desses metadiscursos.

O caminho percorrido leva-nos a observar que as frases de duplo sentido sob análise se sustentam sobre e a partir de discursos “já ditos” (Machistas/sexistas/homofóbicos), consolidados socialmente. Portanto, esses enunciados são portadores de memória (COURTINE, 2009). Ou seja, tornam-se legítimos por dizer do lugar da história. O histórico e o linguístico formam uma rede de significância, tecida de ambiguidades, de repetições, de equívocos e/ou conflitos, que as fazem significar. A esse respeito, vale lembrar que,

se o discurso é um lugar de memória é porque ele traz o vestígio, inscrito nas suas formas, das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas. (COURTINE, 2006, p. 91-2).

As marcas linguísticas que rememoram o discurso sobre como tais frases se sustentam são bastante representativas desses vestígios. Elas delimitam/orientam os sentidos dos enunciados retomados. Essa relação do dito com o “já dito” está sempre em movimento, na aparente mesmice imaginária, no suposto círculo vicioso de repetições. Ou, dizendo de outro modo, as formas de inscrição dessas frases pelos ludolinguistas não eliminam a coexistência dos sentidos tradicionais: como um “nó em uma rede” (FOUCAULT, 1986). Cada frase de duplo sentido se relaciona com uma série de discursos já formulados, com outros trajetos que se cruzam e constituem sentidos por meio da reativação da memória.

Assim, a produção e circulação dessas frases não retomam simplesmente os discursos corriqueiros do universo masculino, mas demarcam posicionamentos, delimitam trajetórias de sentidos, evidenciando discursos que interpretam/compreendem práticas discursivas consolidadas socialmente. Em outras palavras, enunciamos que as frases de duplo sentido não traduzem meramente a conversa ordinária, mas, sobretudo, evocam crenças populares

partilhadas entre os enunciadores e, dessa forma, fazem circular discursos ideologicamente demarcados. A nosso ver, tais frases circulam independentemente de fronteiras preestabelecidas, e, em boa medida, reagrupam discursos inscrevendo-os na história. Esses discursos parecem não depender de qualquer instituição para existir. São provenientes do interdiscurso e circulam com usos muitas vezes contraditórios.

Depois da apresentação do nosso objeto de reflexão, apresentaremos os capítulos que constituem esta dissertação. No primeiro capítulo, apresentamos a linguística popular como um campo em consolidação nos estudos linguísticos brasileiros, oferecendo uma visão histórico-contextual a partir de estudos realizados em contextos europeus e norte-americanos. A partir do artigo "Linguística Popular – A Linguística 'Fora do Templo': Definição, Geografia e Dimensões", dos pesquisadores Guy Achard-Bayle e Marie-Anne Paveau, refletimos sobre a designação e categorização dos objetos de estudo nesse campo, bem como a validade dos saberes profanos em contraste com os saberes científicos.

No segundo capítulo, abordamos a fundamentação teórico-metodológica que sustenta a dissertação, com foco na memória discursiva e sua relação com os pré-discursos e o interdiscurso. Com base na concepção de memória discursiva proposta por Courtine e Paveau, exploramos sua importância para a produção e interpretação de sentido nos discursos, assim como a influência dos pré-discursos coletivos, como saberes, crenças e práticas, na elaboração do sentido. Além disso, discutimos a noção de memória coletiva desenvolvida por Halbwachs e sua relevância nas ciências humanas. Destacamos também a importância da linguagem como o tecido da memória, investigando os modos de existência material da memória no discurso.

No terceiro e último capítulo, concentramo-nos nas frases de duplo sentido presentes na peça teatral "Nós na Fita". Selecionamos uma sequência de diálogos, mais especificamente sete excertos, entre os personagens Pedrão e Jorginho, interpretados pelos comediantes Marcius Melhem e Leandro Hassum, respectivamente. Essas frases são parte de uma brincadeira verbal

conhecida como empulha, em que se utiliza o duplo sentido para provocar o riso. Nossa análise revela que essas frases não apenas dialogam com o discurso do "outro", mas também o colocam em evidência, contribuindo para a sua perpetuação e propagação. Compreendemos que o interdiscurso, que fundamenta e ressignifica o que é dito, precede o próprio discurso. Essas práticas languageiras, mesmo em um contexto humorístico, ultrapassam os limites da peça, sendo constantemente retomadas por comediantes e humoristas em suas apresentações.

Ao longo da dissertação, buscamos aprofundar nossa compreensão sobre a linguística popular, a memória discursiva e as frases de duplo sentido, revelando suas implicações sociais, históricas e ideológicas. Por meio dessas análises, esperamos contribuir para o entendimento das relações linguístico-discursivas presentes nas práticas dos ludolinguistas, sujeitos de estudo deste trabalho.

## CAPÍTULO I

### LINGUÍSTICA FOLK/POPULAR: O ARCABOUÇO TEÓRICO METODOLÓGICO DO ESTUDO

#### 1.1 Notas sobre a Linguística folk: apresentação de um procedimento linguageiro...

Na tentativa de dar um pouco mais de visibilidade ao campo de saber em questão, principalmente em razão de ele ainda estar em fase de consolidação nos estudos linguísticos brasileiros, apresentamos neste capítulo uma visão histórico-contextual dos estudos realizados em Linguística folk/popular<sup>5</sup> nos contextos europeu e norte-americano. Tomamos como referência o artigo “Linguística Popular – A Linguística ‘Fora do Templo’: Definição, Geografia e Dimensões”. Neste, os pesquisadores franceses Guy Achard-Bayle, da Université de Lorraine, e Marie-Anne Paveau, da Université de Paris 13, refletem sobre os problemas de designação e de categorização dos objetos e das questões sobre a Linguística folk/popular, buscando fazer o seu mapeamento no contexto norte-americano e europeu. Trata-se de realizar uma exposição teórico conceitual a partir de questões de natureza epistemológica, teórica, representacional e prática.

Inicialmente, os autores pontuam que a facilidade ao acesso à informação, sobretudo, em razão do desenvolvimento das novas tecnologias, bem como a disponibilização de informações e saberes nas plataformas digitais, colaboram expressivamente para aumentar os saberes dos indivíduos e para um certo apagamento das diferenças entre os profissionais do

---

<sup>5</sup>Segundo Baronas (2020), as reservas em torno desse termo são ambíguas e enganosas (esse termo designaria de maneira pejorativa a linguística do povo) fazendo com que alguns autores adotassem a lexia afrancesada folk linguistique. No Brasil, salvo melhor juízo, embora o sentido de popular possa ser pejorativo, sobretudo enunciado por locutores que pertencem às classes mais abastadas da população, porém, como a linguística popular ainda está em gestação, tais sentidos ainda não estão apensos à expressão: linguística popular.

saber e dos detentores de saberes profanos. Cabe dizer que essa distinção entre os saberes, segundo os autores, não é binária, mas escalar.

Para tratar as questões relacionadas à Linguística folk/popular no interior das ciências da linguagem, os autores tomam como referência um conjunto de artigos publicados inicialmente na revista *Pratiques* (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2008a) e propõem uma importante reflexão: a- dar conta da ausência de um campo identificado como “Linguística Folk/popular” no contexto francês, em comparação com os domínios anglo-saxônicos e alemão, nos quais a Linguística Popular é bem implantada, dinâmica, e faz parte de um subdomínio da Linguística Geral; b- explorar e/ou definir o que o campo da Linguística pode enfatizar no domínio francófono, em comparação a domínios conexos e problemas afins; c- abrir uma reflexão sobre a validade dos saberes profanos e saberes científicos; e, questionar as relações e contribuições da Linguística Popular à Linguística Geral e à Linguística Aplicada ao ensino-aprendizagem de língua materna.

Sobre a designação Linguística popular no contexto anglo-saxão, a partir do termo *folk*, Achard-Bayle e Paveau (2008a) sublinham o fato dessas lexias serem bem estabilizadas. Todavia, no contexto francês, o termo popular é polissêmico, podendo ser traduzido como popular, espontâneo, inexperiente, profano ou ordinário, estando a lista de denominações, ainda, aberta. É ainda sinônimo de linguística do senso comum e linguística dos locutores profanos, sobretudo na internet: “Pode-se [...] constatar a presença do que nomeamos linguística dos locutores profanos na internet, notadamente nos fóruns de discussão [...]” (ROSIER, 2004, p. 70). Por falta de uma definição uníssona, Achard-Bayle e Paveau (2008) propõem o termo *popular* para se referir ao saber espontâneo dos atores sociais sobre o mundo, que se difere dos saberes acadêmicos e científicos. Segundo F. Markovits (1999), o saber espontâneo não é verdadeiro, nem falso, visto que é um saber aproximativo.

No contexto anglo-saxônico, Hoenigwald (1960; 1966) inaugurou os estudos sobre a *folk linguistics*, reivindicando firmemente a consideração dos saberes espontâneos na constituição da ciência. Todavia, os estudos não ganharam força e apenas nos anos 2000, com a obra seminal de N. Niedzielski e D. Preston (2003 [2000]), a questão foi retomada, enfatizando a importância de se levar em conta os saberes populares para a constituição dos *corpora* de saberes científicos: “Seja para o propósito puramente científico de registrá-lo ou para os propósitos sociais de nos ajudar a entender melhor nossas atitudes mútuas, sugerimos que o estudo [...] dos traços linguisticamente orientados é uma tarefa importante.” (2003 [2000], p. 123).

Achard-Bayle e Paveau (2008a) observam, ainda, que, no domínio germânico, a *Volkslinguistik*, chamada também de *Laienlinguistik*, é a Linguística dos manuais de conversação ou de expressão oral, destinados a melhorar a competência linguística dos locutores na sua vida social e profissional. Trata-se de trabalhos que se concentram na dialetologia e tomam uma perspectiva que pode ser denominada como Geolinguística. Enquanto no cenário anglo-saxônico e germânico a *Folk linguistics* ou a *Volkslinguistik* são bem constituídas, no francês e francófono verifica-se uma escassez de estudos, tal como aponta J.-C. Beacco (2004). Segundo o autor, por um certo período, optou-se por evitar o termo *popular*, preferindo falar sobre *representações metalinguísticas ordinárias*. Não significa, porém, que as questões relativas à Linguística Popular não sejam tratadas na literatura francesa, todavia o trabalho é feito sob outras etiquetas terminológicas ou com base em outras orientações teóricas e temáticas.

Conforme constata Beacco (2004), é sob a designação *ordinário* que o discurso espontâneo é às vezes estudado. No entanto, no contexto francês, não há discussão sobre essa questão objetivando a constituição de um domínio científico que busque sistematização, quer seja da *linguística ordinária* ou *discursos ordinários*.

Para Achard-Bayle e Paveau (2008a) uma das razões pela qual a Linguística Popular deveria ser um domínio da Linguística é que ela diz respeito não apenas à teoria linguística em sua constituição, sua validade e legitimidade, mas também às práticas linguageiras em suas dimensões sociais, culturais e cognitivas, bem como estão presentes nos procedimentos de ensino-aprendizagem de línguas.

A Linguística Popular propõe, dessa forma, um problema de *fronteiras disciplinares* e de concepção de ciência. D. R. Preston e N. Niedzielski (2003[2000]) fazem uma importante reflexão a esse respeito

[A palavra folk] refere-se àqueles que não são profissionais qualificados na referida área [...]. Definitivamente não usamos folk para nos referirmos a rústicos, ignorantes, atrasados, primitivos, minoritários, isolados, marginalizados ou grupos e indivíduos de status supostamente inferiores. (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2000, p. 8).

Em seguida, os autores enfatizam a importância de se levar em conta os saberes populares para a constituição dos corpora de saberes científicos:

Seja para o propósito puramente científico de registrá-lo ou para os propósitos sociais de nos ajudar a entender melhor nossas atitudes mútuas, sugerimos que o estudo [...] dos traços linguisticamente orientados é uma tarefa importante.” (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2000, p. 123).

Nesse sentido, pontuam ainda as seguintes questões: quais são as relações entre a Sociolinguística e a Linguística Popular? E, ou, entre a Linguística Popular e a chamada Linguística acadêmica ou científica? Devemos permanecer em uma oposição binária, em que os não linguistas não devem ter opinião alguma sobre a língua? Os linguistas são os únicos autorizados a falar sobre a língua, ou deve-se pensar sobre isso em termos de um *continuum*, um gradiente de cientificidade ou espontaneidade? As fronteiras entre o purismo e a linguística popular são claras? É possível dizer que o estudo das atividades metalinguísticas comuns dos falantes vem da linguística popular?

D. R. Preston e N. Niedzielski respondem a essas questões demonstrando o interesse científico de comentários linguísticos de não-linguistas. No artigo “Qu’est-ce que la linguistique populaire? Une question d’importance”, eles explicam por que e como levar em conta a linguística folk e mostram, de passagem, algumas ideias recebidas sobre a questão, como a suposta pobreza dos conhecimentos populares, por exemplo.

Marie-Anne Paveau (2008) também apresenta uma detalhada reflexão sobre essas questões na revista *Pratiques*. A autora defende uma abordagem integracionista, ou seja, que integre dados considerados *folk* para a linguística acadêmica sem que uma fronteira seja posta entre os dois tipos de fenômeno. Essa posição antieliminatória é sustentada justamente pelo fato de que a linguística acadêmica, em sua dimensão reflexível irreduzível, não pode poupar em intuição e introspecção. O trabalho de M. Doury (2008) colabora de forma significativa na fundamentação dessa abordagem. Ao questionar-se sobre a validade do raciocínio *folk*, o autor demonstra que não há grande diferença, em termos da validade dos argumentos, entre as produções espontâneas e as produções aprendidas.

Para F. Recanati<sup>6</sup> (2004), a posição integracionista pode ser encontrada, inclusive, dentro da própria linguística acadêmica. A posição do autor é assim sintetizada:

Recanati parece não apenas promover uma espécie de “semântica-pragmática folk”, mas também negar a legitimidade (e o potencial valor psicológico) da tradicional (“científica”) linguística semântica. Ele parece estar apostando que a semântica-pragmática não seguirá o caminho da sintaxe (e da fonologia). Isto é, introspectiva, a psicologia popular prevalecerá tanto sobre as intuições semânticas quanto sobre a metodologia tradicional de construção de teoria na semântica (HARNISH, 2005, p. 397).

---

<sup>6</sup>F. Recanati é descrito como um filósofo que faz linguística junto com a não linguística, o que não agrada a todos, evidenciando os problemas do eliminatório versus integracionista.

Segundo Achard-Bayle e Paveau (2018), a questão da validade teórica também é crucial para os estudos sobre as representações linguísticas do imaginário linguístico formulado por A.-M. Houdebine (2002) e para as mitologias linguísticas estudadas em P. Zoberman (2001), tal como para os estudos sobre linguística fantástica e imaginária evocada por M. Yaguello (1981), que questionam: o imaginário é popular? A linguística fantástica é profana? Pertence a quais campos? A quais categorias? A qual campo disciplinar ou subdisciplina pertence a linguística popular?

Achard-Bayle e Paveau (2018) pontuam, ainda, a importância da linguística popular no que diz respeito ao valor da efetividade do conhecimento espontâneo em um contexto de aprendizagem. Acrescentam que atualmente o discurso que coloca a interpretação espontânea em contradição à demonstração científica está minando. Schutz (1932) e P. Feyerabend (1977) mostraram como as teorias espontâneas às vezes estão próximas de resultados científicos, ou têm validade de uma outra ordem necessária no campo da vida em sociedade. Nesse sentido, algumas questões se fazem relevantes: Qual é o lugar do conhecimento profano dos alunos e professores em sala de aula? Um “erro científico” pode ter uma boa rentabilidade funcional no aprendizado? É este o caso de todas as atividades? Para todos os níveis de ensino? O ensino de língua francesa deve privilegiar a eficácia ou a precisão científica?

Sobre essas questões, vale a pena voltar uma vez mais ao número 139/140 da revista *Pratiques*. Em seu trabalho sobre *Les explications métagraphiques appliquées aux premières écritures enfantines*, J. David se baseia em um grande corpus de textos escritos e especialmente em autoexplicações ou comentários metagráficos produzidos por crianças pequenas que são aprendizes de escritores (5-7 anos) para mostrar como essas crianças conseguem verbalizar o conhecimento emergente sobre o funcionamento da escrita. Este conhecimento demonstra ter conexões, por um lado, com as propriedades das linguagens orais e, por outro lado, com os componentes da escrita (semiológicos, fonológicos, morfológicos), gradualmente descobertos

e integrados. Um conhecimento espontâneo e incontestável surge, assim, dos comentários metagráficos das crianças, que são extremamente cruciais para o contexto de ensino-aprendizagem de língua francesa, desde o jardim de infância até a universidade.

O trabalho de Achard-Bayle e Paveau (2008a) aqui apresentado contribui para o tratamento da Linguística Popular a partir de questões de natureza epistemológica, teórica, prática e representacional, que acreditamos serem necessárias para que o campo da ciência da linguagem seja mantido em um dinamismo seguro, sem nenhum tipo de binarismo.

Cabe destacar que, embora extremamente relevante e amplamente estudada/debatida nos contextos europeu e anglo-saxônicos, no Brasil, ao se tomar como parâmetro as áreas que compõem o campo de estudos da linguística a partir, por exemplo, do CNPq ou de um evento já consolidado como o de uma associação como o GEL, a Linguística popular sequer figura como um domínio ou mesmo subdomínio de estudos da linguagem.

Estudos recentes realizados pelo grupo LEEDIM, coordenado pelo professor Doutor Roberto Baronas-UFSCar, no qual este trabalho também se insere, têm dado visibilidade ao campo, buscando consolidá-lo. Pensando que essa prática está muito viva e dinâmica em outros contextos, sobretudo na boca dos/as falantes e nos teclados dos/das internautas, o grupo LEEDIM, formado por jovens e experientes pesquisadores/as têm buscado edificar institucionalmente o campo da linguística popular no Brasil e continuar evidenciando que esse campo de saberes tem muito a contribuir epistemologicamente e teórico-metodologicamente às ciências linguagem e humanidades em geral.

O livro *Linguística folk: uma introdução* reúne uma série de textos da teórica francesa Marie-Anne Paveau sobre a questão da linguística folk. Textos esses, que trazem definições e conceitos da linguística folk e da aplicação e perspectivas desse campo de estudos. Paveau (2020) aponta alguns fenômenos que contribuem de forma significativa para a irrupção da linguística folk e do o apagamento das diferenças entre profissionais do saber e daqueles

detentores de saberes profanos: o aumento do nível de conhecimento dos indivíduos, principalmente em razão do desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, o aumento da disponibilização dos saberes nas publicações tradicionais ou eletrônicas, a expressiva difusão da informação em múltiplos suportes, especialmente os gratuitos.

Na conferência de abertura do I Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular – SIELIPOP<sup>7</sup>, Marie-Anne Paveau, discute as práticas linguísticas dos não-linguistas:

Em meus trabalhos anteriores, classifiquei as práticas linguísticas dos não linguistas em três categorias, retrabalhando a primeira tipologia proposta pelo pesquisador alemão Brekle, que comportaria somente duas: as descrições e as prescrições (BREKLE, 1989). A essas duas categorias, à época, acrescentei as intervenções sobre a língua (PAVEAU, 2005). Atualmente gostaria de acrescentar uma quarta categoria, ligada ao militantismo, pois me parece, com efeito, que a linguística folk concerne também à emancipação, ao empoderamento, como se diz em inglês e constitui uma ferramenta de autonomia dos sujeitos. [Descrições] Essa prática pode ser entendida como o conjunto de descrições e pré-teorizações linguísticas do funcionamento da língua muito fortemente embasada pelas percepções, que engendram vereditos do tipo “isso não é francês” (no sentido de que o “isso” não é correto linguisticamente falando) ou julgamentos de adequação entre os nomes e as coisas (por exemplo, “esse nome não é satisfatório”) ou “diga o que isso significa”. [Prescrições] O discurso dos não-linguistas pode ser igualmente prescritivo e se trata de uma questão de falar “bem” ou “mal”, de falar uma “boa” ou uma “má” língua. As prescrições concernentes aos usos são atinentes a um normativismo forte aliado ao purismo (condenação de empréstimos, de neologismos, derrisão sobre a feminização dos nomes, etc). [Intervenções] Os linguistas ordinários propõem enfim intervenções sobre a língua. Trata-se de proposições frequentemente espontâneas, geralmente regularizantes e destinadas a facilitar o uso do francês, tornando-o mais democrático. O francês possui um paradigma de verbos do primeiro grupo com um sufixo em – tionner – que é o resultado desse tipo de intervenção depois de dois séculos. [Práticas emancipatórias] O militantismo social ou político é baseado em um discurso sobre as palavras: vários trabalhos recentes na Análise do Discurso sobre o gênero mostraram a centralidade das práticas linguísticas profanas nos discursos que se desenvolveram nos debates em torno do casamento de pessoas do mesmo sexo (HUSSON, 2017) ou em discursos sobre intersexualidade (MARIGNIER, 2016). Na maioria dos ativismos encontramos reflexões sobre quais palavras usar ou não usar, sobre as maneiras de falar ou sobre as formas do debate. (PAVEAU, 2020, p. 35-37).

---

<sup>7</sup> A programação do evento pode ser consultada em: <https://sielipopufscar.wixsite.com/sielipop>.

Assim, esperamos que o percurso brevemente aberto ou apresentado aqui favoreça igualmente as colaborações de todos os interessados sobre a questão da linguística popular e, de um modo mais geral, sobre a validade do conhecimento das ciências humanas.

## **1.2 Sobre os não-linguistas e/ou ludolinguistas: quem, como e onde atuam?**

Para compreender o trabalho linguístico-discursivo de não linguistas e/ou dos ludolinguistas (linguista amador, escritor de livros didáticos, humoristas, produtor de jogos de palavras em cena, juristas e outros locutores afetados pelas questões languageiras), especialmente no que diz respeito às práticas languageiras, retomamos novamente aqui a autora Marie-Anne Paveau (2018), *Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares*. Publicado originalmente em dezembro de 2008, o referido texto só foi traduzido para o português do Brasil em 2018 e hoje integra o livro *Linguística folk: uma introdução*. Neste, a autora se empenha em um “campo de investigação particularmente rico que se abriu para os linguistas que se preocupam com quaisquer produções imaginárias e representacionais dos falantes” (PAVEAU, 2018, p. 23) ao se dedicar aos estudos da linguística *folk*.

Ao tentar identificar quem são, onde, como e quando os não linguistas e/os ludolinguistas atuam, a autora pontua que a identidade ou a identificação desses atores sociais é uma das tarefas mais difíceis no domínio da *linguística folk*, isso porque a identificação profissional dos linguistas é feita de modo relativamente simplista, devido à existência de cursos, diplomas, especialidades universitárias etc. Ao passo que a identificação profissional dos não linguistas, que lidam com atividades linguísticas, não se baseia em nenhum critério confiável: O escritor é um linguista folk? E o revisor de textos das mídias escritas e das

editoras? E o jurista, que analisa as palavras tão detidamente quanto um lexicólogo profissional?

A autora acredita efetivamente que sim. No entanto, observa que a comparação destes atores com o falante comum, o “homem das ruas”, que admira a beleza do léxico ou se lamenta quanto à degradação da língua (uma pessoa bem típica na França, um país cuja língua é constantemente objeto de polêmicas inflamadas) relativiza imediatamente esse julgamento: os três primeiros parecem, de todo modo, mais “linguistas” que o último, o falante comum, que ocupa mais um espaço verdadeiro de “linguista de final de semana”, uma figura meio ingênuo e, no fundo, bem menos culta. Então, como identificar essa categoria de falantes que produzem enunciados avaliativos sobre a própria língua e a língua dos outros, metalinguísticos e metadiscursivos a partir de posições subjetivas não disciplinares e não acadêmicas?

A título heurístico, a autora propõe a seguinte identificação de não linguistas:

ser um não linguista não é um estado permanente, mas uma atividade praticável num momento e num lugar determinados pelos próprios linguistas; há uma posição de não linguistas, sempre cambiável com alguma outra. (PAVEAU, 2018, p. 23).

Nesse sentido, retoma Günter Schmale (2008), proponente da primeira proposta que analisa a linguística popular como lugar de cruzamento entre linguística científica, linguística amadora e para fins didáticos/de divulgação. Nesta, apresenta uma breve tipologia dos linguistas espontâneos no que tange à análise da conversa: “sobre um eixo cujos dois extremos são uma “ausência de conhecimentos sobre a conversa” e “conhecimentos perfeitos da organização conversacional”, encontrar-se-iam gradativamente, o falante comum, o escritor, o linguista “amador”, o linguista não conversacionista e o “conversacionista” (SHAMALE, 2008 *apud* PAVEAU, 2018, p. 25). Paveau (2020) não só compartilha dessa ideia, como também propõe uma reflexão mais global, relacionada não unicamente à análise da

conversação, mas à língua e às produções verbais em francês em geral, que responderiam aos seguintes requisitos:

[...] dar conta, o mais naturalmente possível, da atividade “não-linguística”, considerando não identidades socialmente fixas (o escritor, o jornalista, o tipógrafo), mas posições discursivas por definição transitórias e não plenamente ajustadas às identidades sociais, profissionais ou culturais. Um gerente de bar inicia uma conversa por SMS com seus clientes, um ministro de relações estrangeiras produz um texto sobre a degradação do francês ou, por que não, um linguista profissional produz um discurso não-linguístico sobre a língua, de natureza estética, por exemplo (desgostar de alguma palavra por ela “soar” mal, por fazer “doer” seus ouvidos), em virtude daquele famoso desencontro entre comportamento e introspecção sobre o qual, em partes, a sociolinguística laboviana é fundada, e que foi quase definitivo para a dicotomia conceitual de segurança versus insegurança linguística. (LABOV, 2001 [1975]);

questionar a integração (ou não integração) das produções, considerando não apenas o metalinguístico, mas, também, o epilinguístico, ou seja, uma competência inconsciente, portanto, implícita da língua. Relacionam-se, aqui, todos os tipos de jogos sobre as palavras, os trava-línguas, os trocadilhos e confusões voluntárias, jogos de pronúncia (o “Quando a mafagafa gafa, gafam os sete mafagafinhos” e o “três pratos de trigo para três tigres tristes”) brincadeiras sobre os significantes como a de “monsieur et madame ont un fils...” histórias bobas no substrato linguístico, imitações de sotaques e de maneiras de falar etc. Chamo de ludolinguistas os falantes que adotam essa posição ao mesmo tempo refletida e lúdica sobre a língua. A questão é de saber se essas produções, que repousam sobre uma competência epilinguística extremamente sofisticada, vêm de atividade linguística. Essas produções são, sem dúvidas, dotadas de uma dimensão didática explícita. Mas algo que pode nos confundir um bocado em nossa reflexão é o fato de que elas se situam no limite entre atividades linguísticas e atividades languageiras, entre atividades sobre a linguagem e atividades de linguagem. (PAVEAU, 2020, p. 29)

No intuito de exemplificar as práticas discursivas de não linguistas e ou ludolinguistas, sugere a seguinte tipologia, elaborada a partir de trabalhos existentes sobre a linguística folk. As posições são classificadas por “coeficiente” decrescente de detenção de um saber linguístico e acompanhadas de uma categorização aproximada do tipo de práticas executadas segundo a trilogia:

- Linguistas profissionais, que fornecem descrições linguísticas;
- Cientistas não-linguistas que propõem descrições linguísticas;
- Linguistas amadores (linguistas leigos, acadêmicos que fornecem descrições e prescrições);
- Logófilos, glossomaníacos<sup>5</sup> e outros “loucos da língua”, como Jean-Pierre Brisset ou George Orwell, que, frequentemente, empreenderam intervenções na língua, fosse por invenção, fosse por deformação;
- Preparadores-revisores-redatores (o lendário copidesque do Monde, Jean-Pierre Collignon, cujos sucessores produziram um discurso sobre sua atividade “linguística” no blog “Langue saucepiquante”);
- os especialistas de programas televisivos, como o “professor” Capelovici e seus sucessores no programa Des chiffres et des lettres, por exemplo), que sugerem descrições e prescrições (incluindo correções);
- Escritores, ensaístas (Proust, Jean Paulhan, Pierre Daninos, Philippe Jullian, Robert Beauvais...), do lado da descrição e da prescrição;
- Ludolinguistas (humoristas, imitadores, autores de histórias bobas, autores de jogos sobre as palavras: que fazem descrições-interpretações linguísticas);
- Linguistas militantes, que desafiam e subvertem certos valores sociais estabelecidos;
- Falantes engajados, militantes ou apaixonados, juristas em suas práticas textuais e orais, centrados na descrição e na intervenção;
- Falantes comuns (a vendedora da loja de antiguidades na Rue de la Chine, os autores desconhecidos das colunas de leitores de jornais e revistas e as mensagens em blogs e fóruns, os “dominantes” citados por Jean-Claude Passeron, que misturam, sem dúvida, os três tipos de práticas. (PAVEAU, 2020, p. 30);

Segundo Paveau, tais posições não são, evidentemente, discretas, mas porosas e até mesmo transversais. A porosidade das posições implica, igualmente, uma porosidade de saberes: os saberes linguísticos são transmitidos para os da linguística folk e vice-versa. Para a autora, não há, com efeito, isolamento possível das categorias nesse domínio: os saberes linguísticos ditos “estudados” ou “científicos” não são neutralizados da consciência epilinguística dos falantes.

Diremos, com base no entendimento da autora, que a linguística popular reúne quatro tipos de práticas linguísticas: descritiva (descrevemos a atividade da linguagem), normativa (prescrevemos comportamentos da linguagem), intervencionista (intervimos nos usos da

linguagem) e militante (questionamos certos usos da linguagem por entendermos não serem virtuosos: preconceituosos, machistas, entre outros).

Vale lembrar de que essa abordagem, fundamenta-se, conforme demonstramos na seção anterior, sobre a ideia de que os saberes de não linguistas são saberes legítimos: “Se o povo fala sobre a linguagem, ele deve, claro, saber (ou pelo menos acreditar que sabe) sobre isso” (PRESTON; NIEDZIELSKI, 1999, p. 10). Assim, para Paveau, as informações presentes nas práticas *folk* podem ser plenamente integráveis à análise linguística. Trata-se de uma prática de ordem linguístico-discursiva e representacional, e “deve, por isso, ser considerada pela linguística científica como uma reserva de dados que nenhum linguista profissional consegue reunir com o auxílio dos métodos ditos “científicos” (PAVEAU, 2018, p. 42).

Os estudos de Marie-Anne Paveau não vêm corroborar os discursos negacionistas de variadas ordens, que se inscrevem numa espécie de sociologia da ignorância tão em voga atualmente e profundamente deletéria para a ciência, em particular, e para toda a sociedade, em geral,, mas vêm para

Considerar, no próprio trabalho linguístico, os metadiscursos das pessoas comuns, incorporando suas experiências de vida, seus pontos de vista, suas posições morais, suas situações políticas e tudo o que compõe sua vida, permitindo à linguística sair do logocentrismo que a priva da profundidade da vida dos sujeitos. A plena integração das condições de fala dos/as locutores/as nas práticas linguísticas, quer sejam elas dos/as produtores/as dos corpora ou de seus analistas, permite iniciar o programa de uma pós-linguística que respeita os ambientes das pessoas que falam e suas palavras (PAVEAU, 2020, p.132).

Dito de outro modo, os estudos da autora corroboram a necessidade premente do debate acerca da instauração das novas partilhas do discurso acadêmico e abre novas possibilidades de estudo.

De acordo com Maingueneau (2008), o interesse específico que governa a disciplina Análise do Discurso é de apreender o discurso como entrecruzamento de um texto e de um

lugar social, quer dizer que seu objeto não é nem a organização textual nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por meio de um dispositivo de comunicação específico que provém, ao mesmo tempo, do verbal e do institucional. Nosso objeto de estudo nos faz perceber que as fronteiras são bem menos impermeáveis do que parecem ser. Em outras palavras, as unidades de análise se relacionam umas com as outras, são invadidas por outros discursos que mantêm relações de apoio, concorrência total ou parcial, ou mesmo de aparente neutralidade.

Nas próximas seções, buscamos estabelecer o quadro conceitual de referência. Acreditamos que o arcabouço teórico-metodológico mobilizado compreende o nosso objeto em seu duplo funcionamento: o linguístico e o discursivo. Trata-se de compreender as frases em estudo na sua relação com a exterioridade e com os discursos que evocam. Compreender os seus efeitos requer que consideremos que o discurso não tem de direito início. Assim,

[...] o discurso deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é resposta direta ou indireta, ou do qual ele orchestra os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (PÉCHEUX, 1997, p.77)

Interrogamos, dessa forma, não só sobre a opacidade do trabalho dos ludolinguistas, mas, especialmente, sobre os discursos que tal trabalho modela e faz circular. Acreditamos que as frases de duplo sentido presentes nessas práticas se encontram inscritas em uma rede de relações, de comentários e de alusões, isto é, de uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos. É porque existe essa relação interdiscursiva

que as frases em questão estão suscetíveis de interpretações. Também, por isso, é objeto de retomadas discursivas na *web*.

## CAPÍTULO II

### MEMÓRIA, PRÉ-DISCURSO E INTERDISCURSO: O QUADRO CONCEITUAL DE REFERÊNCIA

Neste capítulo, descreveremos a fundamentação teórico-metodológica que sustenta nossa dissertação. Para isso, iniciaremos explorando o papel da memória discursiva e sua relação com os pré-discursos e o interdiscurso. Compreender a memória discursiva em seu aspecto sócio-histórico e cognitivo é fundamental para abordarmos as relações linguístico-discursivas presentes nas práticas dos ludolinguistas, objeto de estudo deste trabalho.

Retomando a concepção de memória discursiva proposta por Courtine e Paveau, buscamos compreendê-la como um componente essencial para a produção e interpretação de sentido nos discursos. Paveau, em sua pesquisa sobre os pré-discursos, adota uma abordagem construtivista e destaca a importância da dimensão cognitiva, que envolve os processos de construção de conhecimento a partir de dados recebidos pelos sentidos, memória e relações sociais.

Dessa forma, a memória discursiva não emerge espontaneamente, mas está enraizada em dados prévios e pré-discursivos. Paveau utiliza o termo "pré-discurso" para se referir a esse conjunto de quadros pré-discursivos coletivos, como saberes, crenças e práticas, que fornecem orientações para a produção e interpretação do sentido no discurso. Esses pré-discursos são compartilhados coletivamente e desempenham um papel significativo na elaboração, produção, difusão e circulação das produções verbais dos sujeitos em situação.

Além disso, exploraremos a noção de memória coletiva, desenvolvida por Halbwachs, que destaca a dimensão construtivista da memória. Halbwachs é conhecido por suas contribuições para a sociologia da memória e suas teorias sobre como a memória individual está intrinsecamente ligada à memória coletiva de um grupo social. A memória coletiva é o

que fica do passado no vivido dos grupos e é composta pelos quadros sociais em que os locutores experimentam, circulam e constroem sua identidade. Essa perspectiva da memória coletiva é valiosa para as ciências humanas, embora seja um conceito frágil e suscetível a diferentes interpretações.

Por fim, destacamos a importância da linguagem como o tecido da memória, ou seja, é a linguagem que constitui a matéria da memória, e não o contrário. Para compreender as complexas relações entre língua, acontecimento, memória e efeitos de sentido, investigaremos os modos de existência material da memória no discurso das frases que serão analisadas.

## **2.1 Sobre o papel da memória...**

Para tratar as relações linguístico-discursivas colocadas em jogo pelos ludolinguistas nas práticas em que atuam, retomamos aqui a noção de memória discursiva, buscando compreendê-la em sua estreita relação com os pré-discursos que alicerçam os dados analisados. Interessa-nos a noção de memória compreendida em seu aspecto sócio-histórico e cognitivo. Ou seja, relaciona-se às condições sociais, históricas e cognitivas de produção dos discursos e aos dados extralinguísticos e pré-discursivos que envolvem a produção e circulação das produções verbais, que, neste estudo, trata-se das frases de duplo sentido enunciadas pelos ludolinguistas.

Em *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*, Paveau (2013) revisita o conceito de memória proposto por Courtine (1994) e oferece uma nova forma de compreendê-lo. O núcleo de sua pesquisa aponta uma abordagem do tipo construtivista, que coloca a Análise do Discurso em uma dimensão cognitiva. A autora compreende como dimensão cognitiva “os processos de construção de conhecimentos e sua configuração no discurso a partir de dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais” (PAVEAU, 2013, p. 9). Essa abordagem é do tipo construtivista e se apoia na corrente cognitiva distribuída, que sugere que

“a cognição deixa, por assim dizer, a ‘cabeça’ do indivíduo, para se tornar um fenômeno social e distribuído” (BISCHOFBERGER, 2002 *apud* PAVEAU, 2013, p. 9).

Sendo assim, as produções verbais não surgem por geração espontânea, mas se apoiam em dados prévios, e para responder às questões da natureza desses dados, a autora adota a noção de pré-discurso, conceituando-o como “um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), que dão instruções para a produção e para a interpretação do sentido no discurso” (PAVEAU, 2013, p. 130). Ou seja, Os pré-discursos são saberes compartilhados. Portanto, a autora compreende a memória inscrita no discurso como uma memória que está diretamente ligada a condições sociais, históricas e cognitivas de produções de discurso, aos dados extralinguísticos e, sobretudo, pré-discursivos que participam plenamente da elaboração, da produção, da difusão e da circulação de produções verbais de sujeitos em situação. A autora adota o prefixo *pré*, em pré-discursos e pré linguageiro, para designar os dados anteriores que são mobilizados na produção dos discursos, de modo que “o prefixo *pré* indica uma anterioridade temporal: o locutor dispõe de informações prévias, tratadas e estocadas antes de produzir discursos” (PAVEAU, 2013. p. 20).

É contra a ideia de que a lembrança seria individual que o filósofo Halbwachs, discípulo de Durkheim, ao dedicar-se à sua tese sobre o mundo operário, desenvolve a noção, de dimensão eminentemente construtivista, de memória coletiva. A teoria da memória coletiva de Halbwachs parte do pressuposto de que nossa memória individual não é uma entidade isolada, mas é moldada e influenciada pelo contexto social em que vivemos. Ele argumentou que nossas lembranças pessoais são moldadas por nossa interação com grupos sociais aos quais pertencemos, como família, amigos, comunidades religiosas, culturais e nacionais.

Alguns dos conceitos-chave da teoria da memória coletiva de Halbwachs incluem:

- **Moldagem social da memória:** Halbwachs argumentou que nossas memórias individuais são moldadas e influenciadas pela sociedade em que vivemos. Nossas

lembranças são filtradas e organizadas de acordo com as normas, valores e experiências compartilhadas por nosso grupo social.

- **Quadros sociais da memória:** Ele introduziu o conceito de "quadros sociais da memória" para descrever os contextos sociais nos quais as lembranças individuais são construídas. Estes quadros incluem estruturas sociais, como família, comunidade, religião e cultura, que moldam como lembramos eventos e experiências.
- **Comunicação e influência social:** Halbwachs argumentou que a memória coletiva é mantida e reforçada por meio da comunicação e da interação social. As histórias compartilhadas, rituais, celebrações e eventos sociais são maneiras pelas quais a memória coletiva é transmitida e mantida.
- **Dinamismo da memória coletiva:** A memória coletiva não é estática; ela evolui ao longo do tempo à medida que as sociedades mudam e se adaptam. Eventos históricos, mudanças culturais e transformações sociais podem afetar a forma como uma comunidade ou sociedade se lembra de seu passado.

A teoria da memória coletiva de Halbwachs teve um impacto significativo nas áreas da sociologia, psicologia social e estudos culturais. Ela nos ajuda a entender como as lembranças individuais e coletivas são interconectadas e como a cultura e a sociedade moldam nossa compreensão do passado. Além disso, a teoria de Halbwachs influenciou o campo da memória histórica, onde a importância das narrativas coletivas na construção da identidade cultural e nacional é amplamente reconhecida.

A conexão entre a memória coletiva de Halbwachs e os metadiscursos dos ludolinguistas pode ser explorada no contexto da linguística popular. Os ludolinguistas, ao brincar com a linguagem e criar frases com significados duplos, muitas vezes baseiam suas criações em referências culturais compartilhadas e estereótipos sociais. Essas referências

culturais e estereótipos são parte da memória coletiva de uma sociedade e influenciam a forma como as pessoas interpretam e apreciam o humor nas criações dos ludolinguistas. Além disso, os metadiscursos dos ludolinguistas podem ser vistos como uma forma de preservar e transmitir elementos da memória coletiva por meio da linguagem lúdica e do humor. Eles contribuem para a construção e a manutenção de identidades culturais e sociais, ao mesmo tempo em que desafiam ou subvertem normas linguísticas e culturais estabelecidas.

As criações linguísticas dos ludolinguistas muitas vezes fazem uso de referências culturais, piadas internas, estereótipos e jogos de palavras que são compreendidos e apreciados por seu público-alvo. Essas criações linguísticas não são isoladas; elas estão enraizadas na cultura e na sociedade em que os ludolinguistas vivem. Por exemplo, uma piada que brinca com estereótipos de gênero ou faz referência a eventos históricos específicos depende do conhecimento e das lembranças compartilhadas pelos membros da sociedade em que é apresentada.

Portanto, a memória coletiva de Halbwachs fornece um quadro conceitual interessante para entender como as criações linguísticas dos ludolinguistas se enraízam na cultura e na sociedade, enquanto os metadiscursos ao seu redor permitem a exploração e a reflexão sobre o papel da linguagem na construção da identidade e do significado cultural.

Trataremos então, dessa memória coletiva, que não é inata, mas composta pelos “quadros sociais” (HALBWACHS, 1994 [1925]), em que os locutores experienciam, circulam e constituem sua identidade. O conceito de memória coletiva proposto por Halbwachs, conforme nos explica Candau, é frágil, contudo, de grande serventia para as ciências humanas:

Essa noção é frágil e entretanto bem prática. Ela é tão frágil quanto a noção de consciência coletiva (e, a *fortiori* de inconsciente coletivo), quanto o conceito de mentalidades em história, as teorias de identidade cultural coletiva ou quanto o fantasma de uma “alma do povo” se nos referimos ao *Volkskunde* alemão. Ela é assim tão frágil quanto todas as retóricas comunitárias, tão ambígua quanto as concepções holísticas da

cultura, das representações, dos comportamentos e das atitudes (de que se tem um excelente exemplo em sociologia com a noção de opinião pública). [...] A noção da memória coletiva é, por outro lado, prática, pois não há como designar de outro modo a não ser por esse termo algumas formas de consciência do passado (ou do inconsciente, no caso do esquecimento) aparentemente partilhados por um conjunto de indivíduos. (CANDAUI, 1996, p.61 *apud* PAVEAU, 2013, p.93)

Partindo desse pressuposto, Pierre Nora define a memória coletiva como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fizeram do passado” (NORA, 1978, p. 112). A autora pontua que os traços reconhecidos e difundidos da memória histórica, veiculados pela mídia, são elaborados por diversos grupos, constituindo memórias coletivas que, por sua vez, pressionam a história.

É sob a luz das pesquisas de Foucault e Nora que Courtine reelabora o conceito de memória discursiva, relacionando-o às teorizações de Pêcheux. Em outros termos, trata de compreender o “real da língua” relacionado com o “real da história”, que deve dar conta da “existência histórica do enunciado” (COURTINE, 1981, p. 52). Assim, para Courtine, a memória discursiva refere-se à existência histórica do enunciado:

A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado, no âmbito das práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos, ela visa o que Foucault (1971, p. 24) assinala a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, “discursos que estão na origem de um certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (COURTINE, 1981, p. 52-53).

Courtine define a memória discursiva em articulação com a noção de “domínio de memória”. Ele propõe que esse domínio é composto por um conjunto de sequências discursivas que preexistem à situação discursiva de referência e é a partir do “domínio da memória” que será determinada a formação dos enunciados e serão analisados os efeitos que produzem, dentro de um processo discursivo, a enunciação de uma sequência discursiva determinada

(efeitos de recordação, de redefinição, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de negação do “já-dito”). Courtine observa, ainda, a possibilidade de delimitar um domínio de formulações-origens, o que não corresponde de forma alguma a um “começo” do processo discursivo, mas constitui ligações em que se pode identificar, ao longo do processo discursivo, a emergência de enunciados que figuram como elementos do saber próprios de uma formação discursiva.

Vale lembrar que Courtine considera a memória a partir de sua relação intrínseca com a linguagem.

Como as sociedades se lembram? Se aceitarmos a ideia [...] - de que a linguagem é o tecido da memória, isto é, sua modalidade de existência histórica essencial - quem não vê que uma questão como essa se direciona diretamente às ciências da linguagem? Que ela demanda a análise dos modos de existência materiais, languageiros da memória coletiva na ordem dos discursos? (COURTINE, 1994, p.10 *apud* PAVEAU, 2013, p.10).

Se “a linguagem é o tecido da memória” (COURTINE, 1994, p. 10), não é a memória que constitui um espaço para a linguagem, mas a linguagem que constitui a matéria da memória. Logo, a fim de compreender as relações complexas que os diferentes discursos engendram entre língua, acontecimento, memória e efeitos de sentido, nos encarregamos aqui de investigar os modos de existência material da memória na ordem do discurso inscrito nas frases sob análise.

Para tratar a questão da paratopia criativa dos ludolinguistas podemos relacionar conceitos de Maingueneau (1991) em *O Discurso Literário*, explorando como sua teoria discursiva pode ser aplicada a situações discursivas que envolvem jogos de palavras, humor e criação linguística lúdica. Maingueneau (1991) examina como a linguagem é usada na literatura e como os textos literários se destacam em relação a outros tipos de discurso. O autor argumenta que a literatura é uma forma especial de discurso que não pode ser compreendida

da mesma maneira que a linguagem usada em contextos não literários, como jornalismo ou discurso político. Aqui estão algumas relações possíveis para o trabalho dos ludolinguistas:

- **Heterogeneidade Discursiva:** Maingueneau enfatiza a heterogeneidade nos discursos literários, observando que eles muitas vezes incorporam múltiplas vozes e estilos. Da mesma forma, os ludolinguistas frequentemente brincam com a linguagem de maneira heterogênea, misturando diferentes estilos, referências culturais e níveis de linguagem em suas criações criativas. Essa heterogeneidade pode ser vista como uma forma de paratopia, onde a linguagem é usada de maneira "desviante" em relação à norma comunicativa.
- **Polifonia Literária:** A polifonia é outro conceito-chave de Maingueneau, relacionado à multiplicidade de vozes em um texto literário. Os ludolinguistas podem criar discursos polifônicos em suas criações, incorporando várias perspectivas e vozes em frases de duplo sentido, trocadilhos e piadas. Essa polifonia criativa pode ser vista como uma expressão da paratopia, já que desvia das formas tradicionais de comunicação.
- **Condições de Produção:** Maingueneau enfatiza a importância das condições de produção na interpretação de textos literários. Da mesma forma, as criações dos ludolinguistas são influenciadas pelo contexto social, cultural e histórico em que surgem. As condições de produção dessas criações podem afetar a forma como são interpretadas e recebidas pelo público.
- **Análise do Discurso Criativo:** A abordagem discursiva de Maingueneau também pode ser aplicada à análise do discurso criativo dos ludolinguistas. Os teóricos podem usar suas ferramentas e métodos para examinar como as criações lúdicas subvertem as normas linguísticas e comunicativas, contribuindo para a compreensão da paratopia criativa desses praticantes.

Em suma, a teoria discursiva de Maingueneau, conforme apresentada em *O Discurso Literário*, oferece uma base sólida para a análise da paratopia criativa dos ludolinguistas. Seus conceitos de heterogeneidade discursiva, polifonia, condições de produção e análise do discurso criativo fornecem ferramentas conceituais valiosas para entender como a linguagem lúdica e criativa desafia as normas e convenções discursivas, e como as criações dos ludolinguistas são enriquecidas por uma complexidade discursiva que vai além do convencional.

## **2.2 A memória discursiva e sua relação com o interdiscurso e/ou com o pré-discurso**

Paveau (2013) reflete sobre alguns pontos que integram a noção de memória discursiva à pré-existência de sequências discursivas, que a autora chama de anterioridade, o papel da memória na referência nominal e a identificação de antecessores. Por meio da noção de “domínio de formulações-origens”. Nesse sentido, observa que a proposição de Courtine acerca da noção de memória discursiva retoma ainda a noção de interdiscurso de Pêcheux (1975).

O interdiscurso é, para Paveau, um dos conceitos mais complexos do arcabouço teórico de Pêcheux e, em decorrência disso, também é objeto de inúmeros questionamentos. Maldidier (1993), ao tentar compreendê-lo observa:

[...] Mais simplesmente, podemos, apoiando-nos em Michel Pêcheux, defini-lo [o interdiscurso], dizendo que o discurso constitui-se a partir do discursivo já-lá e que “isso fala” sempre “antes, alhures e independentemente”. O conceito introduzido por Pêcheux não se confunde com a intertextualidade de Bakhtin, pois ele trabalha com o espaço ideológico-discursivo no qual se desenvolvem as formações discursivas em função das relações de dominação, subordinação, contradição. Vemos, portanto, a relação que se institui com o pré-construído como ponto de entrada do interdiscurso (MALDIDIER, 1993, p. 113 *apud* PAVEAU p. 142).

A relação entre o pré-construído (aquilo que fala sempre antes e em outro lugar) e o interdiscurso nos leva novamente à noção de memória discursiva. É a partir deste conceito que Moirand desenvolve a noção de memória interdiscursiva, em que haveria uma “interdiscursividade sugerida [que] se entrecruza sem cessar com as representações que parecem surgir de saberes partilhados [...]” (MOIRAND 2004b, p. 89 *apud* PAVEAU, 2013, p.103). A priori, esse conceito se enquadra entre os dados da competência enciclopédica<sup>6</sup> e do pré-construído. Retoma-se aí a ideia de memória coletiva de Halbwachs.

A noção de memória interdiscursiva de Moirand apoia-se ainda na noção de dialogismo de Bakhtin. Em síntese, a memória interdiscursiva é descrita como dialógica. Ou seja, as palavras são sempre habitadas por seus usos anteriores:

Não há palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este perde-se em um passado ilimitado e em um futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca serão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas) (BAKHTIN, 1984, p. 393).

De fato, é na esteira de Courtine e de Moirand que Paveau (2013) propôs a noção de memória sócio-cognitivamente distribuída. Visão dinâmica que faz da memória um verdadeiro operador pré-discursivo e discursivo. Conforme já enunciamos, Paveau compreende os pré-discursos como “um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas...) que dão instruções para a produção e para a interpretação do sentido no discurso”. Nesse contexto, algumas atribuições são feitas a esses quadros discursivos:

- Sua coletividade: Diz respeito à relação entre o indivíduo e sociedade (ambiente social, cultural, técnico, político intelectual, etc.). Os quadros pré-discursivos são partilhados coletivamente, mas incorporados individualmente;

- Sua imaterialidade: Os pré-discursos não se inscrevem, pelo menos de forma direta, na materialidade discursiva, eles imprimem nela marcas indiretas. A pré-discursividade é de ordem tácita, ou seja, não é formatável de maneira explícita;
- Sua transmissibilidade: A coletividade atribuída aos quadros pré-discursivos se desdobra em dois eixos, sendo esses o eixo horizontal sincrônico, que diz respeito à partilha de saberes, ou à construção, difusão e circulação dos quadros de saber na comunidade dos locutores ou na sociedade em geral. E o eixo vertical diacrônico, refere-se ao papel da memória, ao que recebemos de discursos anteriores e que exploramos em torno de nós antes de transmiti-los;
- Sua experimentalidade: os quadros pré-discursivos coletivos são organizadores da experiência que constroem e, ao mesmo tempo, pré-constroem toda a percepção individual do mundo. Este atributo permite ao sujeito organizar e também antecipar seu comportamento discursivo;
- Sua intersubjetividade: os saberes e crenças coletivas dos quadros pré-discursivos mobilizam conteúdos de verdade aproximada e adaptável, ou seja, é a avaliação e a pertinência do discurso com relação aos meus interlocutores e à concepção do discurso na sociedade que importam;
- Sua discursividade: Os quadros pré-discursivos coletivos se manifestam no discurso e são linguisticamente analisáveis.

Em síntese, ao se debruçar sobre a questão dos pré-discursos e da memória (inter)discursiva, Paveau objetiva:

[...] mostrar que nossa memória, seja discursiva ou não, está distribuída nos ambientes, em particular na memória dos outros, evidentemente, mas também nos elementos não humanos que nos cercam e que constituem nossos ambientes de vida: lugares e objetos são também apoios à nossa memória, incluindo aí nossa memória discursiva. [...]

uma renovação da noção que almejava conservar a riqueza conceitual da semântica discursiva tal como havia sido proposta na França na esteira de Pêcheux, mas também apreender as formas contemporâneas de produção e de circulação dos discursos. (PAVEAU, 2013 [2006] p. 147)

Dessa forma, a memória desempenha um papel fundamental na compreensão das frases de duplo sentido. A memória nos permite estabelecer conexões entre palavras, expressões e situações, proporcionando a base para a compreensão de ambiguidades linguísticas. Além disso, a memória contribui para o processamento eficiente dessas frases, permitindo que o cérebro identifique rapidamente as diferentes camadas de significado. Portanto, ao explorar a relação entre memória e frases de duplo sentido, podemos obter uma compreensão mais profunda da complexidade e da riqueza da linguagem humana. No intuito de tornar operacional o conceito de memória e explorar suas implicações linguístico-discursivas, procedemos à análise do corpus. Ao examinar cuidadosamente os pré-discursos presentes e os possíveis efeitos de sentidos que eles geram, podemos estabelecer as relações necessárias para compreender o funcionamento das frases de duplo sentido nas práticas discursivas dos ludolinguistas.

Ao investigar o corpus, identificamos que a memória desempenha um papel crucial na compreensão dessas frases ambíguas. A capacidade de lembrar e recuperar informações relevantes é essencial para detectar e interpretar as sutilezas presentes nas expressões de duplo sentido. Nossa memória nos permite fazer conexões entre palavras, expressões e contextos anteriores, fornecendo uma base sólida para a compreensão dessas ambiguidades linguísticas.

Além disso, ao examinarmos os pré-discursos presentes no corpus, podemos observar como eles contribuem para a criação de múltiplos significados. Esses pré-discursos, que consistem em conhecimentos prévios, experiências passadas e associações semânticas, ajudam a enriquecer o entendimento das frases de duplo sentido. Ao evocar esses pré-discursos, a

memória desempenha um papel crucial na ativação dos diferentes sentidos possíveis e na seleção do sentido mais adequado em determinado contexto.

Portanto, ao considerarmos a relação entre memória e frases de duplo sentido, podemos desvendar a complexidade e a riqueza da linguagem humana. A memória nos permite processar eficientemente essas frases, identificando rapidamente as diferentes camadas de significado e contribuindo para a compreensão geral do discurso. Assim, ao analisar o corpus e explorar as implicações da memória na interpretação das frases de duplo sentido, podemos aprofundar nossa compreensão das práticas discursivas dos ludolinguistas e das nuances lingüísticas envolvidas nesse fenômeno.

### **CAPÍTULO III**

#### **FRASES DE DUPLO SENTIDO NA PEÇA “NÓS NA FITA”: DAS PRÁTICAS LINGUAGEIRAS AO DISCURSO HUMORÍSTICO, UMA RELAÇÃO INTERDISCURSIVA**

Neste capítulo, abordaremos o tema das frases de duplo sentido presentes na peça "Nós na Fita". Para isso, selecionamos uma sequência de diálogos entre os personagens Pedrão e Jorginho, interpretados pelos comediantes Marcius Melhem e Leandro Hassum, respectivamente. Esses artistas são reconhecidos nacionalmente como comediantes consagrados, com participações em filmes e programas da Rede Globo de Televisão, sendo mais notáveis em "Os Caras de Pau".

Na peça em questão, os comediantes utilizam uma espécie de brincadeira verbal, conhecida como empulha, que consiste em encurralar o outro por meio de frases de duplo sentido, provocando o riso. Essas frases se baseiam em discursos frequentemente presentes nas conversas ordinárias do universo masculino, muitas vezes carregando conteúdos machistas, sexistas e homofóbicos.

Nossa análise mostrará que as frases de duplo sentido nessa peça não apenas dialogam com o discurso do "outro", mas também o colocam em evidência, contribuindo para sua permanência e propagação. O que nos interessa aqui não é apenas destacar a presença de múltiplos sentidos ou vozes nos enunciados analisados, mas também compreender que o interdiscurso precede o próprio discurso, fundamentando e ressignificando o que é dito. Em outras palavras, esses enunciados (mesmo produzidos em um contexto humorístico) não se limitam à peça, uma vez que são práticas languageiras comuns no cotidiano masculino, sendo constantemente retomados por comediantes e humoristas em suas apresentações.

### 3.1 Sobre a construção do corpus e o percurso metodológico

Para este estudo, selecionamos uma sequência de frases de duplo sentido presente na peça "NÓS NA FITA"<sup>8</sup>. O conteúdo, conforme se verá no decorrer deste tópico, consiste no diálogo entre dois personagens, Pedrão e Jorginho, interpretados, respectivamente, pelos comediantes Marcius Melhem e Leandro Hassum. Artistas reconhecidos como comediantes consagrados em âmbito nacional, devido às inúmeras participações em filmes, bem como em programas da Rede Globo de Televisão, sendo o mais notório "Os Caras de Pau".

Na peça tomada como objeto, os comediantes, fazem uso de uma espécie de empulha, brincadeira verbal que consiste em encurralar o outro por meio de frases de duplo sentido, cujo efeito imediato é instaurar e provocar o riso. Para tal, abordam discursos (quase sempre machistas/sexistas/homofóbicos) frequentes na conversa ordinária do universo masculino, tornando-os a base de seus dizeres.

Nesse sentido, como bem mostrará a análise, as frases de duplo sentido na peça em questão não só flertam/dialogam com o discurso do O/outro, machista, sexista, misógino e homofóbico, mas o coloca em evidência, corroborando para a sua permanência e propagação. O que nos interessa aqui não é simplesmente destacar o fato de que tais frases colocam em evidência e/ou confrontam dois ou mais discursos, ou tenham mais de um sentido ou ressoam mais de uma voz, mas o fato de que, o interdiscurso precede o discurso de fato (MAINGUENEAU, 2005), alicerçando e/ou resignificando o dizer. Dito de outro modo, os enunciados ora analisados (embora produzidos na peça humorística), não se restringem a ela, já que são corriqueiros práticas languageiras do cotidiano masculino, portanto, se fundamentam sobre um saber partilhado entre os membros deste universo discursivo e, por isso, são retomados constantemente por comediantes/humoristas em suas apresentações.

---

<sup>8</sup> Peça disponível para visualização no canal do YouTube, descrita logo abaixo.

Ao analisar o funcionamento discursivo das frases de duplo sentido na peça referida, tratamos ainda de identificar alguns dos procedimentos discursivos de apresentação de seus atores (os comediantes/ludolinguistas), das ações e dos acontecimentos, bem como as relações desses procedimentos de ancoragem do discurso na língua. Nesse sentido, algumas questões norteiam a análise:

- 1- O comediante/ludolinguista, ao enunciar, faz a língua entrar em funcionamento e esse funcionamento é afetado pelo discurso do O/outro?
- 2- O movimento produzido desloca os sentidos, muitas vezes, silenciando sua dispersão e multiplicidade, e, em outras, reforça seu aspecto de evidência e unidade?
- 3- Existem regularidades que percorrem os discursos sustentados pelos comediantes/ludolinguistas?
- 4- Tais regularidades, caso existam, podem ser entendidas como responsáveis pela manutenção de um discurso O/outro, o discurso machista, sexista, misógeno e/ou homofóbico, por exemplo?
- 5- O trabalho discursivo dos comediantes/ludolinguistas funciona como um elemento fundamental na representação e reprodução de consensos de significação resultantes das hegemonias de gênero, ou, ao contrário, participa de sua dissolução?

Responder a essas questões permitirá não só reconhecer o estatuto de tais enunciados, e os seus possíveis efeitos nas práticas languageiras em que se realizam, como também verificar quais as estratégias linguístico-discursivas atuantes no trabalho dos comediantes/ludolinguistas. Além disso, permite tecer considerações sobre a *linguística folk*,

teoria ainda pouco estudada no Brasil. No entanto, fundamental para a realização deste trabalho. Passemos ao corpus:

## NÓS NA FITA

- Alô, Leandro?
- Alô
- Como você tá?
- **Não como você, mas gostaria!**
- Ô rapaz, eu tô ligando pra pedir sua ajuda profissional.
- Fala aí rapaz.
- Eu to abrindo uma fábrica de ralo.
- Fábrica de ralo?
- É, ralo.
- Sei.
- E eu não tenho onde expor, eu sei que você tem um quintal grande aí nos fundos.
- Tem sim.
- **Eu posso expor ralo aí atrás?**
- Não vai dar não, não vai dar não, porque eu tô com um estoque de antenas aqui, que agora eu vendo antenas, né? Eu ia até te chamar pra vender antena comigo, o negócio é assim, **você vende quatro que eu te dou uma montada.**
- Não vai dar não rapaz, que eu tô abrindo uma barraca na feira.
- É?
- Barraca de cáqui, eu ia até te pedir um dinheiro emprestado pra comprar cáqui. **Acabou o cáqui eu te pago na hora.**
- Vou emprestar não, ouvi dizer que você é mau caráter. Cuidado, hein! **fica passando os amigos pra trás vai ficar sujo na rodinha.**
- Rapaz, me admira você falar um negócio desses de mim. Um cara culto como você, você não é culto?
- Eu sou, eu leio muito.
- Tá sempre lendo.
- Adoro ler.
- Sempre carregando um livro
- Sempre.
- É livro pra lá, é livro pra cá. **Ta com o livrinho aí, agora?**
- Tô não, rapaz. Você que é um cara muito inteligente. **Eu atrás de você me sinto um jegue.**
- Vamos trocar de assunto, vamos?
- Vamos!
- Eu soube que você comprou um carro.
- Comprei um carro novo, é.
- Diz que porta-malas é imenso.
- Imenso.
- Agora o espaço interno, nem tanto.
- É pequeno mesmo.
- É, **me falaram que você carrega pouco na frente, o grosso mesmo você leva atrás.**
- Olha, vamos mudar de assunto. Eu vou fazer um churrasco, aqui em casa, amanhã e ouvi dizer que você entende muito de churrasco, é verdade?
- É verdade.

- **Sabe se um quilo de linguiça da pra vinte comer?**
- Dá não, rapaz...
- É pouco é?
- Rapaz, agora você falou de comida me lembrou um incidente que aconteceu aqui em casa, hoje.
- O que que houve?
- Eu fui cozinhar um ovo, escorreguei e deixei o ovo cair. Quando quebrou, tinha um pintinho no ovo.
- Que coisa, hein?
- Rapaz, tinha um pintinho no ovo. **Agora imagina, se eu cozinho com o pinto dentro?**
- Eu tô fraco a bessa de imaginação. Mas, olha que coincidência: eu também tô na cozinha agora. Eu tô fazendo um cafézinho, você gosta de café, não gosta?
- Adoro.
- Agora, **você gosta do café na cafeteira ou no coador é mais forte?**
- Da cafeteira, rapaz...
- Sei...
- Agora, você com essa piada aí, o que vai ter de gente na Petrobras falando isso pra moça do cafézinho, vai ficar uma coisa desagradável.
- É, vai mesmo, a ideia é essa...
- Agora rapaz, você quase acertou, eu gosto muito de café, mas eu prefiro sorvete.
- Aham.
- Rapaz, eu gosto tanto de sorvete que essa noite eu sonhei que a gente tava vendendo sorvete. Mas, a gente era concorrente. Cada um com sua carrocinha, **eu ia atrás empurrando e gritando “Kibom” e você na frente “Opa!”**
- Olha aí rapaz, outra coincidência, eu também sonhei com você essa noite.
- Ah, é?
- Tive um sonho muito bonito. Sonhei que você vinha correndo na minha direção chorando, chegava na minha frente, **se ajoelhava, com um terço na mão, dois terços na boca. Uma coisa bonita mesmo.**
- Vamos trocar de assunto!
- Tá bom...
- Vamos falar de futebol.
- Futebol!
- Continua jogando muito futebol?
- Adoro!
- Sabe que isso me preocupa, né? Futebol é um esporte violento. **Tá levando muita bolada no queixo, cabeçada no céu da boca?**
- Não, parei de jogar bola... Você que jogou um bolão, que eu me lembro. Chegou a jogar até com os profissionais, não foi?
- Foi, foi.
- **Você que jogou com o Zinho, não jogou? Você jogou com o Zinho no Flamengo, que eu me lembro! Chegou a jogar com o Zinho até no Japão.**
- Ô rapaz, me admira você falar um negócio desse de mim, um cara religioso como você. Você não é um cara religioso?
- Ah é, sou mesmo.
- Você é católico, né?
- Sou, fui ao Vaticano, até...
- Você foi ao Vaticano, que bonito, rapaz.
- Fui, fui conhecer o Papa.
- Foi conhecer o Papa?

- É.
- **E você continua fazendo visita Papal?**
- Tô meio brigado com a igreja... **É rapaz, eles tão querendo colocar dois papas em vez de um só.**
- Dois?
- **É, você é a favor que entre mais um membro?**
- Vamos trocar de assunto, vamos? Vem cá, você ia ao cinema com sua mulher, mas não vai mais, né?
- É, não vou não...
- **É, eu encontrei a sua mulher hoje, ela me ofereceu as duas entradas.**
- Bacana, e agora?
- Agora eu vou ter que desligar. Olha, lembrança aí a quem for da família,
- **Ô, cê me desculpa aí se eu te machuquei por dentro, é que eu sou muito cabeça dura.**

Como se vê, em comum, tais frases apresentam no mínimo duas interpretações: a de sentido denotativo, que seria o mais ingênuo; e o conotativo, de cunho malicioso/sexual. Embora a ambiguidade seja facilmente identificada, o sentido não se dá como evidente, depende exclusivamente de saberes partilhados entre os interlocutores da enunciação, neste caso, entre os humoristas e seus interlocutores. Em outras palavras,

[...] o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória – mas não necessariamente a uma cultura específica. [...] o que faz um texto “falhar” é fundamentalmente a ausência dessa memória ou desse saber (exceto quando o que falha é um jogo ou uma associação verbal). [...] A falta de informação cultural é, portanto, apenas uma das manifestações de uma exigência que todos os textos fazem aos coenunciadores. (POSSENTI, 2010, p.148)

De fato, os textos de cunho humorísticos exploram concepções ou fatos sociais já disseminados. Eles não se caracterizam por difundir discursos novos “mas por explorar de forma específica discursos correntes [...]” (POSSENTI, 2010, p. 82). Tais discursos, quando retomados nas práticas discursivas dos comediantes/ludolinguistas, como demonstra Paveau (2020), não só difundem crenças e/ou saberes populares, mas também demarcam posicionamentos. Em outros termos, ao evocar e fazer circular os pré-discursos, os

ludolinguistas delimitam trajetórias de sentidos que, para além de provocar o riso, atuam significativamente na forma de pensar e agir da sociedade.

Muitos elementos de humor são culturalmente específicos. Isso significa que piadas, trocadilhos e referências culturais podem não fazer sentido ou não serem engraçados em diferentes contextos culturais. Portanto, a compreensão do contexto cultural é essencial para interpretar o humor. Possenti frequentemente enfatiza a importância do contexto na interpretação da linguagem. Isso é particularmente relevante quando se trata de humor, pois muitas piadas e trocadilhos dependem de referências e contextos específicos para serem compreendidos e apreciados.

### **3.2 Frases de duplo sentido e sua relação interdiscursiva: possibilidades de leitura**

Para tratarmos a questão da dubiedade/discursividade constitutiva dos enunciados tomados por objeto, bem como a fundamental importância do papel dos ludolinguísticas na formulação/difusão/propagação de saberes discursivos partilhados, é importante retomar uma das principais características da AD francesa, a definição de que sujeito é antes de tudo um efeito. Disso decorre,

a recusa da possibilidade de que o discurso derive do sujeito, isto é, do sujeito individual, seja porque o estrutural precede e constitui o individual seja porque o outro é constitutivo (o estrutural podendo ser o Outro). A origem do discurso no sujeito - característica mais forte de uma suposta unidade do discurso- fica, assim, excluída. (Possenti, p. 149)

No nosso corpus, esta é uma característica exemplar. O efeito dúbio/jocoso das frases não se origina no sujeito, portanto não lhe pertence. É resultado da alusão ao discurso do O/outro. Não só é de outro para um locutor, mas é definitivamente do Outro, simplesmente

porque não sabemos sua origem. Logo, o sentido não é imanente ao enunciado, mas dependente de sua relação com outros enunciados/discursos.

A abordagem enunciativa de Sírío Possenti é relevante para a compreensão do trabalho dos ludolinguistas, especialmente quando se trata da produção de frases de duplo sentido. As frases de duplo sentido muitas vezes exploram a polissemia, que é a capacidade de uma palavra ou expressão ter múltiplos significados. A semiótica nos ajuda a compreender como as palavras podem ser usadas de maneira ambígua para criar humor, permitindo que os ludolinguistas brinquem com os diferentes significados de uma palavra ou expressão. A pragmática se concentra na relação entre a linguagem e o contexto em que é usada. Quando se trata de frases de duplo sentido, a pragmática é fundamental, pois a interpretação dessas frases muitas vezes depende do contexto em que são apresentadas. A ambiguidade é um componente essencial das frases de duplo sentido. A pragmática nos ajuda a entender como a ambiguidade é resolvida na comunicação cotidiana com base no contexto e nas pistas contextuais.

A ambiguidade é um recurso frequentemente explorado pelos ludolinguistas em busca de efeitos humorísticos. As frases de duplo sentido são ambíguas, o que significa que podem ser interpretadas de maneiras diferentes, muitas vezes levando a um choque entre o sentido aparente e o sentido oculto. A ambiguidade é uma fonte de surpresa e diversão. A pragmática nos ajuda a entender como o contexto, as pistas contextuais e as expectativas dos interlocutores podem influenciar a interpretação das frases de duplo sentido. O humor muitas vezes surge quando a interpretação esperada é subvertida de maneira surpreendente.

Para compreendermos a relação do discurso com seu Outro, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos apresentados por Maingueneau (2005), sobretudo à definição de discurso e interdiscurso. Nesse sentido, suas hipóteses de trabalho são:

- 1- O interdiscurso precede o discurso. A unidade de análise pertinente é um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos.
- 2- Esse caráter do interdiscurso faz com que a interação semântica entre os discursos seja um processo de *interincompreensão* regrada. Cada discurso introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados sob a forma do simulacro.
- 3- O interdiscurso é regido por um sistema de restrições semânticas globais que se manifesta pelo fato de restringir ao mesmo tempo todos os planos discursivos: vocabulário, temas, intertextualidade e instância de enunciação.
- 4- O sistema de restrições é um modelo de competência interdiscursiva. Os enunciadores dominam as regras que permitem produzir e interpretar enunciados de sua própria formação discursiva e permitem identificar como incompatíveis os enunciados das formações antagonistas.
- 5- O discurso não é apenas um conjunto de textos, mas uma prática discursiva. O sistema de restrições semânticas torna os textos comensuráveis com a rede institucional de um grupo, que a enunciação ao mesmo tempo supõe e torna possível.
- 6- a prática discursiva é uma prática intersemiótica que integra produções que relevam de outros domínios semióticos (pictórico, musical etc.) As mesmas restrições que fundam a existência do discurso podem ser igualmente pertinentes para esses outros domínios.
- 7- O recurso a esses sistemas permite associar a prática discursiva a outras séries de seu contexto sócio-histórico. Uma formação discursiva revela-se, assim, como esquema de correspondência entre campos à primeira vista heterônimos. (MAINGUENEAU, 2005, p. 21-24)

Destas hipóteses, interessa-nos especialmente a segunda: o interdiscurso precede o discurso, isto é, o Outro é desenhado a partir do Um. Sob essa ótica, o locutor que valida as frases de duplo sentido (os comediantes/ludolinguistas) tendem a coincidir com o conjunto de falantes da língua, que as profere tomando suas asserções como o eco, a retomada de um número ilimitado de enunciações anteriores da mesma enunciação.

Segundo Maingueneau (2005), quando se considera o espaço discursivo como rede interação semântica, ele define um processo de *interincompreensão* generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas. Para elas, não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de não compreender o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno.

Isso porque cada discurso é delimitado por uma grande semântica que , em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco.

Significa dizer que, cada discurso repousa de fato sobre um conjunto de “semas” repartidos em dois registros: de um lado, os “semas” positivos, reivindicados; de outro, os "semas" negativos, rejeitados. A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outros termos, esses enunciados do Outro só são compreendidos no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se como Outro como tal, mas somente como simulacro que constrói dele.

A hipótese de que o interdiscurso precede o discurso é fundamental para a compreensão das frases de duplo sentido e do papel dos ludolinguistas, como comediantes, nesse contexto. Sob essa ótica, a relação entre o discurso individual e o interdiscurso se torna ainda mais evidente. Quando consideramos que o interdiscurso é a rede complexa de discursos, convenções linguísticas, valores culturais e estereótipos que existe em uma sociedade ou cultura específica, podemos entender como ele precede o discurso individual. O discurso de um sujeito é moldado e influenciado por esse contexto discursivo mais amplo. As frases de duplo sentido, como as usadas pelos ludolinguistas e comediantes, frequentemente dependem de referências culturais, jogos de palavras e ambiguidades que são reconhecíveis por um público amplo. Essas referências e jogos de palavras são parte do interdiscurso cultural e linguístico que existe antes da produção do discurso individual.

Os ludolinguistas, têm um papel importante na validação e reforço do interdiscurso existente. Eles fazem uso criativo das convenções linguísticas, subvertendo-as, ampliando-as ou brincando com elas para criar efeitos humorísticos. Os ludolinguistas muitas vezes atuam como intérpretes habilidosos do interdiscurso, reconhecendo as expectativas e as convenções

presentes na cultura e na língua. Ao fazer isso, eles podem criar humor que ressoa com o público, fazendo com que as frases de duplo sentido sejam percebidas como um "eco" ou uma retomada de enunciações anteriores, criando um senso de familiaridade e reconhecimento no público.

Os ludolinguistas também têm a capacidade de negociar e transformar o interdiscurso. Eles podem subverter expectativas, desafiar convenções e, em última instância, contribuir para a evolução do interdiscurso por meio de sua criatividade linguística. A produção de humor, como as frases de duplo sentido, não apenas reflete o interdiscurso existente, mas também o modifica. O público pode começar a adotar novas expressões e formas de ver o mundo após a exposição a esse tipo de humor, e isso, por sua vez, afeta a cultura linguística mais ampla.

Portanto, a visão de que o interdiscurso precede o discurso oferece uma lente útil para entender como os ludolinguistas, como criadores de humor, operam em relação ao contexto cultural e linguístico. Eles têm a capacidade de incorporar, interpretar e transformar o interdiscurso em suas criações, proporcionando um espaço para reflexão, identificação e, é claro, risos dentro de uma cultura discursiva. É exatamente este fenômeno que pretendemos evidenciar a partir da análise das frases abaixo:

Excerto 1-

- Alô
- Como você tá?
- **Não como você, mas gostaria!**

Por fazer parte de uma peça humorística, o lexema “como” na frase “**Não como você, mas gostaria!**” apresenta mais de uma possibilidade de leitura. No sentido mais ingênuo, o termo “como” assume a posição de conjunção e significa “não vou tão bem quanto você vai”, já no sentido malicioso, “como” assume papel de verbo (comer) e passa a significar a parte

ativa do ato sexual (comer você = fazer sexo com você). Embora haja aí uma dubiedade. Não se pode dizer que esta leitura está posta explicitamente na materialidade linguística. Ela só é possível dadas as condições de produção do discurso. Portanto, cabe aos interlocutores fazer a ligação entre o que é dito e o discurso Outro, produzido na anterioridade e exterioridade. Esse discurso não é explícito, mas apreendido na discursividade.

Vale lembrar que o verbo comer é muito explorado no campo do discurso humorístico, quando se trata da negação/afirmação da sexualidade masculina. Neste caso, geralmente, evoca saberes do universo machista, evidenciando a virilidade do homem. A necessidade de provar constantemente a sexualidade masculina é um traço discursivo muito forte na cultura patriarcal brasileira. Isso explica a derivação de sentido do lexema “como”, conjunção, em “Como você tá?”, para o verbo comer “Não **como** você, mas gostaria”. De fato, a mudança de classe gramatical do lexema implica uma leitura pejorativa/obscena.

O efeito advindo dessa estratégia decorre exatamente do fato de que o referente, resultado do processo de estruturação dessa frase de duplo sentido, foi construído fora, em um discurso anterior de conhecimento público. Isto é, encontra-se no fio do discurso a presença do discurso do Outro. É nessa tensão, entre a materialidade linguística e a sua discursivização popular, que opera o interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005). Ou seja, o discurso traduzido pelos comediantes/ludolinguistas se inscreve na heterogeneidade constitutiva que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro.

O Outro não deve ser pensado como uma espécie de envelope do discurso, ele mesmo considerado como o envelope de citações tomadas em seu fechamento. No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da capacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. (MAINGUENEAU, 2005, p.39)

Por definição, neste caso, os comediantes/ludolinguistas não podem ser colocados como falseadores dos enunciados de seu Outro. Ao contrário, ao enunciar o “já dito” eles são condenados a produzir simulacros desse Outro. É na relação do Mesmo com o Outro que os saberes pré-construídos são resgatados, confirmados e/ou refutados. A partilha do sentido é fundamental para a comunicação e para a circulação dos discursos, pois, “as propriedades dos pré-discursos lhes conferem essa atitude para criar a partilha semântica, que se manifesta em algumas formas linguageiras” (PAVEAU, 2013, p.195).

Efeito de sentido semelhante encontra-se no excerto 2- “**Sabe se vinte quilos de carne dá pra vinte comer?**” (dá pra vim te comer?). Aqui, também é evocado um saber partilhado entre os dois personagens que estabelecem a possibilidade de uma leitura maliciosa/obscena. Ao ser pronunciada, a frase “da pra vim te comer” sofre um deslocamento de sentido que deriva do sentido literal para o pejorativo, se reconfigurando justamente por meio da memória, no interdiscurso. O sentido dual se estabelece porque a frase carrega as marcas do discurso machista, inscrito não só no verbo “comer”, mas também na relação entre o numeral “vinte” e a expressão resultante da junção de um verbo e um pronome “vim te”.

A luz do conceito de interdiscurso, é possível observar que a leitura maliciosa/obscena da frase “**Sabe se vinte quilos de carne dá pra vinte comer?**” se constitui no espaço de trocas entre vários discursos (machista, sexista) convenientemente escolhidos. São nesses discursos que os comediantes buscam os enunciados que incorporam no intradiscurso. Ou seja, essa frase se constitui a partir da retomada de discursos com os quais dialoga/polemiza e/ou mantém elo. Ela rompe por meio da lembrança o ritual que preside à enunciação de um discurso machista como efeito de memória. A memória visa “a discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além da sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer”. (FOUCAULT, 2006, p.22)

A noção de domínio de memória, tal como reformulada por Courtine (2009) torna menos opaco o que estamos falando. Para este autor, o domínio de memória

é constituído por um conjunto de sequências que preexistem a uma sequência específica, no sentido de que certas formulações isoláveis na colocação e sequência intradiscursiva que a sequência realiza (...) entram nas redes de formulações a partir das quais serão analisados os efeitos que produz no seio de um processo discursivo a enunciação de uma sequência determina efeitos de retomada, de redefinição, de transformação, mas também efeitos de esquecimento, de ruptura, de denegação, do já dito. (COURTINE, 2009, p. 111-2)

Essa tese corrobora a hipótese de que há, na base das frases ora analisadas, discursos sobre os quais elas se sustentam. Trata-se do conceito de “pré-construído” (Pecheux, 1995). Nele, encontramos que Courtine, (2006), chama de “formulação-origem”. A formulação-origem do enunciado “**Sabe se vinte quilos de carne dá pra vinte comer?**” pode ser representada pela pergunta “Sabe se vinte quilos de carne dá pra **vim te comer?**”, que, por sua vez, ressoa/movimenta discursos de ordem sexual/pejorativo, como, por exemplo, que a pessoa a quem se dirige a pergunta vende o próprio corpo para sobreviver. Entre a formulação-origem “Sabe se vinte quilos de carne dá pra **vim te comer?**” e o discurso pejorativo que ela retoma/ressoa descobre-se sob a imediatez de uma lembrança, sob a anulação da distância interdiscursiva que constitui os efeitos imaginários próprios do discurso direto, toda espessura de remissões.

Importante notar que as remissões se interpõem entre o “desnível do texto primeiro, sua permanência que funda uma possibilidade aberta de falar, e o texto que cita”. (FOUCAULT, 2006, p.24-5), ou como diz Courtine:

as formulações origem derivam, assim, um trajeto complexo no seio da espessura estratificada da formação discursiva; durante o percurso, elas se transformam,, se entrecortam, se escondem, para ressurgir adiante; por vezes se esfumam e desaparecem. (COURTINE, 2006, p.91)

A deslinearização de sentido entre a sequência primeira e o texto que a fundamenta permite restituir sob a superfície lisa das palavras a profundidade complexa dos índices de um discurso memorável. O desdobramento da forma linguística “vinte comer” para “vim te comer” recupera o “já dito” e, conseqüentemente, estabelece relações entre o que é dito e o “pré-construído”, o “já lá”. Nota-se aí uma sequência discursiva organizada sob forma de memória, de uma estrutura de enunciado que liga o dizer a uma interpretação, já produzida no imaginário popular.

Excerto 3 -

- Eu to abrindo uma fábrica de ralo.

- Fábrica de ralo?

- É, ralo.

- Sei.

- E eu não tenho onde expor, eu sei que você tem um quintal grande aí nos fundos.

- Tem sim.

- **Eu posso expor ralo aí atrás?**

O excerto 3 explora a ambigüidade da frase “**Eu posso expor ralo aí atrás?**” (posso esporra-lo aí atrás). “Expor ralo” passa a significar “esporra-lo”, expressão que faz referência ao ato de ejacular, no discurso machista. Verificamos que o substantivo “porra” tem origem na língua espanhola e corresponde a uma clava feita de madeira/pedaço de pau. Este termo também aparece em Portugal, significando “porrete”. No vocabulário brasileiro, é usualmente de forma chula para designar esperma/sêmen. Em “Eu posso expor ralo (esporra-lo) aí atrás?”, o enunciador refere-se ao ato de ejacular na parte traseira do outro. O verbo esporrar, ao qual sentido malicioso faz menção, é derivado do termo “porra” e, etimologicamente, é composto pelo prefixo es- (do latim ex-) que significa pôr para fora e do radical porra, significando, portando, expelir, pôr para fora do pênis. O conhecimento etimológico naturalmente

transmissível de uma língua para outra é apontado por Paveau (2013), ao tratar as questões da memória da língua como transcendental e autônomo. Trata-se, segundo a autora, de um saber histórico, construído e comunicável sobre o modo de cognição distribuída e que, atualmente, se apoia nas ferramentas da tecnologia discursiva.

A frase **“Eu posso expor ralo aí atrás?”** / **“Eu posso esporra-lo aí atrás”** poderia ser dita de um homem para uma mulher, ou, como na peça **“Nós na fita”**, de um homem para outro homem. Nos dois casos, é possível observar a remissão a um discurso machista, derivando também, para homofóbico, no último caso, pois, ao colocar o homem em posição passiva, também o coloca em posição constrangedora e desconfortável. Esse efeito se manifesta porque a frase se inscreve em um processo discursivo que a determina sob a forma dos elementos pré-construídos, isto é, produzidos em discursos anteriores a ele e independente dele, que se reproduzem por ele sob a determinação do interdiscurso. Dessa forma, essa enunciação é, no contexto que a promoveu, a memória das linhas unitárias do discurso primeiro, o discurso machista inscrito nas conversações ordinárias masculinas. Por meio dessa memória, recuperamos no encadeamento interdiscursivo, a sua formulação-origem.

Além da memória da organização linguístico-discursiva, a frase acima se pretende ainda depositária de uma comunidade de fala. Ela faz parte de seu patrimônio verbal, a herança das lutas conduzidas em seu nome, a recolha de um saber dos combates travados e da experiência adquirida. O discurso machista torna-se legítimo por falar em nome da história. O histórico e o linguístico formam uma rede de significância, tecida de ambiguidades, de repetições, de equívocos, conflitos etc. Isto é, o interdiscurso é chamado a significar, tornando-se operante no plano da textualização da memória discursiva.

Assim, nas conversações ordinárias, o efeito discursivo perpassa a estrutura linguística e social, passando de pai para filho. Vemos a questão do machismo e da homofobia como algo que atravessa gerações por meio de discursos consolidados, que corroboram para reafirmar o

machismo estrutural. Ademais, o tom humorístico concede a esse discurso maior aceitabilidade social, fazendo com que circulem e provoquem risos. Para Possenti (2018, p. 37), o humor tem regras e funções próprias, por isso, sua relação com a realidade é construída de forma análoga às ficções. Ainda, segundo o autor, o humor não tem pretensões sociológicas, não prega diretrizes e não tem função educativa ou moralizante, apesar de que há quem espere que o humor faça esse papel.

No excerto 4, o enunciador mobiliza frases antagônicas: **“Você que é um cara muito inteligente. Eu atrás de você me sinto um jegue**, contrapondo o adjetivo inteligente ao substantivo jegue. No sentido denotativo, “jegue” significa o animal quadrúpede pertencente à família dos asininos, conhecidos também por serem animais teimosos. Em razão da teimosia do animal, é usualmente proferido para se referir a uma pessoa teimosa, estúpida e/ou desprovida de inteligência, já no sentido conotativo de conversas ordinárias faz referência ao tamanho avantajado de órgão sexual do animal.

Assim como nos enunciados anteriores, também aqui as frases resgatam saberes e crenças partilhadas, isto é, os comediantes exploram o aspecto malicioso da ambiguidade: o homem que está atrás se denomina jegue e penetra o outro (inteligente) com seu avantajado órgão sexual, colocando em evidência sua virilidade e força em contraponto a inteligência do outro que, durante ato sexual ocuparia uma posição passiva. A falta de inteligência do enunciador, neste caso, é compensada pelo tamanho do seu órgão sexual. Há aí uma espécie de simulacro do discurso do outro, já que o efeito de sentido se constitui a partir do estereótipo de que homens inteligentes têm pênis pequeno e homens desprovidos de inteligência têm pênis grande e da alusão à posição ativa/passiva dos envolvidos no ato sexual anal. A frase “Eu atrás de você me sinto um jegue” explora exatamente essa memória.

O efeito malicioso provocado por meio da referência ao órgão sexual masculino associado ao sexo anal também é explorado no excerto 5:

- Eu fui cozinhar um ovo, escorreguei e deixei o ovo cair. Quando quebrou, **tinha um pintinho no ovo.**

- Que coisa, hein?

- Rapaz, **tinha um pintinho no ovo. Agora imagina, se eu cozinho com o pinto dentro?**

Neste caso, o efeito malicioso recai na relação entre as sequências linguísticas “**tinha um pintinho no ovo**” e “**se eu cozinho com o pinto dentro?**”/ “**seu cuzinho com com o pinto dentro**”. A estratégia que consiste na modificação da materialidade linguística *se eu cozinho por seu cuzinho*, é chamada por Freud (1969 [1905]) de condensação. O autor explica que “o múltiplo uso do mesmo material é, afinal de contas, um caso especial de condensação; o jogo de palavras nada mais é que uma condensação sem formação de substituto” (p. 58). Efeito semelhante se obtém em *visita papal/visita pa (pra) pau; cozinho/ cuzinho; no coador/ no cu a dor; com o livrinho/ cu livrinho; vende quatro/ vem de quatro*.

A interpretação maliciosa é possível graças à relação entre a enunciação, as condições de produção e as conversas corriqueiras cotidianas, que a antecederam. Os pré-discursos conferem a partilha do sentido e resultam da forma como relacionamos a linguagem e o mundo exterior. Isso atesta o fato de que,

Os discursos não se constituem enquanto uma unidade autônoma para depois estabelecerem conexões com uma exterioridade, mas já nascem interrelacionados. Isso significa que os discursos não se constituem independentemente uns dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, mas que eles se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2005, p.210)

Em outros termos, o efeito malicioso/machista se dá na relação dialógica entre o dito e o “já lá”, isto é, entre a materialidade linguística e os discursos/saberes socialmente partilhados que ela evoca. Os pré-discursos não se inscrevem diretamente na materialidade discursiva,

mas imprimem nela marcas indiretas que permitem a sua construção/disseminação. São, como vimos, de ordem tácita, isto é, não se dão de forma evidente, mas por meio do conhecimento partilhado entre os interlocutores da enunciação. Em síntese, trata-se de uma espécie de presença-ausente, efeito da não linearidade e da dispersão dos discursos e dos sujeitos. E esse entrecruzamento de discursos vai determinar a elaboração de novos sentidos, transformações, sentidos que deslizam, que se resignificam.

A (re)formulação de um sentido malicioso é novamente explorada no excerto 6:

- Tô meio brigado com a igreja... é rapaz, eles tão querendo colocar **dois papas** em vez de um só.

- Dois?

- **É, você é a favor que entre mais um membro?**

Em sentido primeiro/denotativo, o item lexical “membro” refere-se a uma pessoa, de fato, um membro, alguém que faz parte da Igreja, o Papa. No entanto, dadas as condições de produção, ao sugerir a entrada de outro membro, a expressão ganha um sentido outro, passando a significar o membro sexual masculino. A ambiguidade apoia-se na relação entre a metáfora e os pré-discursos que ela evoca. Paveau chama a metáfora de “construção cognitivo-textual e discursiva”. A memória tem um papel fundamental na produção e na recepção das metáforas, ou seja, a implicatura desse material linguístico só faz sentido porque os pré-discursos, enquanto quadros coletivos, estão inscritos na memória cognitiva-discursiva dos locutores. Pêcheux e Gadet, a respeito da metáfora, comentam:

A noção de transgressão sintática (deslocamento não localizável de uma fronteira) opõe-se, assim a toda linguística do distanciamento, na medida em que a metáfora não é mais concebida aí como simples desvio, mas como lugar mesmo da constituição do sentido, com efeito sintático situado no ponto em que o intradiscorso encontra o interdiscorso (GADET; PÊCHEUX, 1981, p. 172-173)

Como podemos observar, a maioria das frases analisadas recupera discursos de cunho sexual, que, por sua vez, estão “diretamente ligados ao vivido experiencial supostamente partilhado dos locutores, construídos sobre um pré-discurso do tipo cultural ou histórico” (PAVEAU, 2013, p. 224). Em outras palavras, a estruturação do discurso vai constituir a materialidade de uma certa memória social. O espaço da memória como condição do discurso constitui o corpo sócio-histórico-cultural recuperado pelos comediantes/ludolinguistas na enunciação. Vejamos mais um caso, o excerto 7:

- Vamos trocar de assunto, vamos? Vem cá, você ia ao cinema com sua mulher, mas não vai mais, né?
- É, não vou não...
- É, **eu encontrei a sua mulher hoje, ela me ofereceu as duas entradas.**

No sentido imediato/denotativo, “as duas entradas” fazem referência às entradas/ingressos para ir ao cinema. O marido desistiu de ir ver o filme com a esposa, e ela, sendo uma mulher bondosa, ofereceu as duas entradas para o amigo. A outra possibilidade de leitura é de que a mulher/esposa ofereceu seus órgãos sexuais para outro homem, o amigo do marido. Essa segunda leitura está baseada em dois estereótipos: primeiro que fulano é corno e, segundo, que a sua mulher é de vida fácil. Nesse caso a bondade aparente da mulher é subvertida em uma mulher dadeira/traidora. Temos, novamente aqui, o simulacro funcionando, ou seja, o discurso agente traduz o discurso paciente. Em outras palavras, há uma espécie de tradução pejorativa do discurso primeiro operada pelo discurso segundo, a partir das restrições semânticas da formação discursiva humorística.

A frase “**Ôcê me desculpa aí se eu te machuquei por dentro, é que eu sou muito cabeça dura**” também recupera discursos de cunho sexual. A primeira possibilidade de leitura relaciona “cabeça dura” a uma ação de teimosia, trata-se de uma pessoa que não muda facilmente de opinião. O pedido de desculpas é perfeitamente viável, já que o sujeito pretende

se retratar. A segunda possibilidade produz efeito malicioso, supondo que o locutor teria penetrado o outro a quem ele se dirige e o teria machucado por dentro. Essa possibilidade deriva da relação entre os termos “cabeça dura”, compreendida como parte do órgão sexual duro/ereto, e “machucar por dentro”. Para fazer deslizar o sentido metafórico, a sequência **“Ôcê me desculpa aí se eu te machuquei por dentro, é que eu sou muito cabeça dura”** aciona redes de memória, que recuperam sobretudo os discursos machistas das práticas languageiras cotidianas.

A análise empreendida até o momento, permite afirmar que as formas da memória das conversações ordinárias se inscrevem na modalidade de existência das frases de duplo sentido do discurso humorístico e, dessa forma, os discursos machista/sexista/homofóbico são relembrados, repetidos, retomados e isso coage consideravelmente a sua forma. Dizendo de outro modo, os comediantes/ludolinguístas, ao mobilizarem essas frases, reatualizam o “já dito”, ressignificando-o e/ou admitindo com ele concordar. A ordem de sintagmatização dos elementos no intradiscurso aparece como regulada pela própria estrutura do interdiscurso: o fato para este ou aquele elemento aparecer em primeiro lugar, como tema das frases, não depende, de forma alguma, dos atos, escolhas ou decisões dos comediantes, mas exatamente, de uma configuração determinada de saber no interdiscurso, na instância do que se denomina “a exterioridade do enunciável”. (MAINGUENEAU, 2005).

Interessante notar ainda que há nas frases de duplo sentido uma certa regularidade linguístico-discursiva determinando a ambiguidade e orientando possíveis efeitos sentidos: apresentam lexemas (verbos e/ou substantivos) que remetem ao ato sexual (geralmente anal); fazem uso de expressões que levam a leituras maliciosas/pejorativas (pinto dentro/ cabeça grande; duas entradas/ atrás de você; machuquei por dentro); constroem-se de condesações linguístico-semântica (se eu cozinho/ seu cuzinho; vinte/ vim te); resultam da relação entre a

materialidade linguística e o pré-construído (já dito); (re)produzem estereótipos/simulacros a partir do discurso do O/outro.

### **3.3 O sistema de restrição semântica e o trabalho metaenunciativo dos comediantes/ludolinguístas (re)orientando sentidos**

Compreender a dinâmica das frases de duplo sentido mobilizadas pelos comediantes na peça “Nós na Fita”, requer que tomemos como pertinente a afirmação de Possenti, (2010, p.149), “o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória”. Ou seja, há no discurso humorístico uma rede de difusão que permite fazer ressurgir os enunciados, tornando-os disponíveis quando forem reclamados. Significa dizer que as frases analisadas se inscrevem num sistema de restrições semânticas cuja formação discursiva as determina. Dessa forma, os enunciadores e interlocutores reconhecem o discurso humorístico como tal e, assim, infere-lhe sentido. Nesse sentido, importa lembrar que

a formação discursiva se caracteriza não por princípio de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (FOUCAULT, apud MAINGUENEAU, 2005, p.52)

Sob essa perspectiva, os comediantes/ludolinguístas produzem enunciados que entram em luta de maneira mais imediata no vivido de grandes camadas da população. Mesmo sendo numerosos, seus atores não passam, eles próprios, de um subconjunto restrito de inumeráveis outros enunciadores, dos quais, através de suas enunciações são ao mesmo tempo o eco e o suporte. Assim, esse tipo de enunciação (machista/sexista/homofóbica) pode até ser finita para uma época dada, mas, no interior dos limites de uma formação discursiva, ela é perambulante, repetitiva. O que implica que tais enunciados sejam reconhecidos e interpretados nas categorias de seu próprio sistema de restrições.

A enunciação, pondera Maingueneau (2005, p.140), não tem só “um rio acima”, ela tem também, “um rio abaixo”, a saber, as condições de emprego dos textos do discurso. Pode-se mesmo dizer que essa distinção entre nascente e foz não opõe realidades independentes: a maneira pela qual o texto é produzido e pela qual é consumido estão ligadas. Significa dizer que a própria rede institucional, neste caso, o campo humorístico, desenha uma rede de difusão, as características de público, indissociáveis do estatuto semântico que o discurso atribui. O modo de difusão vai de mãos dadas com o modo de consumo do discurso, isto é, com o que se faz dos textos, como eles são lidos, manipulados.

De fato, o campo humorístico define uma certa maneira de citar os discursos anteriores de seu próprio campo. Mas, ao lado dessas restrições compartilhadas por seus diversos membros, há também o passado específico que ele constrói para si, atribuindo-se certas filiações e recusando outras. Dito isto, cremos que o trabalho linguístico-discursivo dos comediantes/ludolinguistas faz a língua entrar em funcionamento e esse funcionamento é afetado pela memória discursiva. Tal efeito desloca os sentidos, muitas vezes, silenciando sua dispersão e multiplicidade, e, em outras, reforçando seu aspecto de evidência e unidade. Assim, diferentes discursos coexistem e materializam-se por meio de enunciados estruturalmente semelhantes, mas têm sua unidade pelos efeitos de sentido decorrentes da inscrição ideológica dos enunciantes, neste caso, dos comediantes/ludolinguistas.

Assim, o trabalho dos ludolinguistas funciona como um elemento fundamental na representação e reprodução de consensos de significação resultantes das hegemonias de gênero. Ao serem discursivizadas, tais frases reconfiguram leituras da história, dos acontecimentos, ou seja, vão construindo um sentido natural para os discursos machistas/sexistas/homofóbicos que fazem circular. A disseminação desses discursos só é possível porque eles fazem parte de uma memória social, inscrevem-se na história, construindo-a. Dito de outro modo, os ludolinguistas realizam todo um trabalho de direcionamento de sentido que se constitui não apenas numa

retomada do discurso outro, mas numa tomada de posição que se estabelece no interior de conflito de interpretações, modificando totalmente o sentido dos enunciados que enunciam. Ou seja, eles não apenas aludem o discurso do Outro, mas afirmam com ele concordar.

Conforme descreve Paveau, os ludolinguistas atuam como especialistas na manipulação lúdica dos significantes. Podemos dizer, então, que as frases analisadas neste trabalho servem como exemplo de enunciados que compõem o trabalho dos ludolinguistas. Portanto, os estudos a respeito dos saberes folk são evidentemente pertinentes à análise linguística e “não são necessariamente crenças falsas a serem eliminadas da ciência. Constituem, ao contrário, saberes perceptivos, subjetivos e incompletos, a serem integrados aos dados científicos da linguística” (PAVEAU, 2018, p. 23).

## **BREVES CONSIDERAÇÕES...**

Nesta dissertação, observamos que a produção e discursivização de frases de duplo sentido pelos ludolinguistas sob diferentes formas de ancoragem dos pré-discursos chama a atenção para o fato de que toda produção discursiva, que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura, movimenta, isto é, faz circular, transforma formulações anteriores e/ou já enunciadas. Em outros termos, a discursivização das frases em análise é atravessada pela memória do dizer, que intervém ora como pré-construído, ora como um discurso transversal, que irrompe no cruzamento de discursos, sob outra formulação. Um discurso que provém de fora, do sócio-histórico e, em regra, “aparece” de forma não explícita, “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 2009, p. 142).

Dessa forma, a discursivização das frases de duplo sentido não se limita a um mero trabalho humorístico com o objetivo de fazer rir. Essas frases falam em nome da história e concentram saberes produzidos alhures. Os humoristas/ludolinguistas resgatam esses saberes e os colocam em circulação, contribuindo para a manutenção dos discursos que recuperam.

Assim, o trabalho linguístico-discursivo dos humoristas não se limita a apenas retomar os discursos comuns do universo masculino, mas também demarca posicionamentos e delimita trajetórias de sentidos, evidenciando discursos que interpretam e compreendem práticas discursivas socialmente consolidadas. Em outras palavras, as frases analisadas não apenas refletem a conversa cotidiana, mas evocam crenças populares compartilhadas entre os enunciantes, circulando discursos que possuem uma marcada carga ideológica. Esses discursos circulam independentemente de fronteiras preestabelecidas e frequentemente se agrupam de maneira contraditória.

Por meio deste estudo, nosso objetivo foi compreender não apenas a produção e circulação das frases de duplo sentido, mas também as estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelos ludolinguistas. Dessa forma, buscamos fortalecer as teorias recentes sobre linguística folk, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre esse fenômeno linguístico e discursivo.

Os comediantes/ludolinguistas produzem enunciados que têm um impacto imediato na vida de diferentes camadas da população. Apesar de serem numerosos, esses comediantes são apenas um subconjunto restrito de inúmeros outros enunciadores, dos quais são eco e suporte por meio de suas enunciações. Essa forma de enunciação, embora possa ser finita em uma época específica, é repetitiva e perambulante dentro dos limites de uma formação discursiva. Isso implica que tais enunciados sejam reconhecidos e interpretados de acordo com as categorias de seu próprio sistema de restrições.

A enunciação não tem apenas uma origem, mas também um destino, ou seja, as condições de uso dos textos discursivos. A maneira como um texto é produzido e consumido está intrinsecamente ligada. A rede institucional, como o campo humorístico, estabelece uma rede de difusão que está diretamente relacionada às características do público e ao estatuto semântico atribuído ao discurso. O modo de difusão do discurso está interligado com o modo de consumo, ou seja, como os textos são lidos e manipulados.

Portanto, o trabalho dos ludolinguistas desempenha um papel fundamental na representação e reprodução dos consensos de significação resultantes das hegemonias de gênero. Quando essas frases são discursivizadas, elas reconfiguram as interpretações da história e dos acontecimentos, construindo um sentido natural para os discursos machistas, sexistas e homofóbicos que são disseminados. A disseminação desses discursos é possível porque eles fazem parte de uma memória social e se inscrevem na história, contribuindo para a sua construção.

No início desta dissertação, conceituamos as frases de duplo como manifestações de linguagem, produzidas por não-linguistas, mas que apresentam um jogo linguageiro metafórico com e sobre a língua. Realizadas as análises, é possível asseverar que se trata de um dizer proferido pelos ludolinguistas que joga com a possibilidade da dupla enunciação. Todavia, não uma dupla enunciação como o da ironia, do humor ou mesmo da derrisão, por exemplo, mas uma dupla enunciação que é uma espécie de armadilha, que busca capturar o interlocutor. Uma espécie de polifonia pervertida em que no jogo de vozes sai vencedor o interlocutor que não se deixa enredar pela ambiguidade do sentido, proposta pelo locutor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. O discurso: estrutura ou acontecimento? Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. Discurso e Análise do Discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). (Re)discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.5, p. 137-161, dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. Trad. Phellipe Marcel da Silva Esteves. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagens e Som. v.3 n.2, p 21-45, 2018.

\_\_\_\_\_. Os pré-discursos: sentido, memória, cognição. Trad. Graciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, P.et al. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. [1983]. Trad. Cristina de Campos Velho Birck, et. al. São Paulo-SP: EduFScar, 2009.

\_\_\_\_\_. Humor, língua e discurso. São Paulo: Contexto, 2013.

BAKTHIN, M. Os gêneros do discurso. São Paulo: Martins Fontes. 1979.

BARONAS, R. L. Discurso e mídia: memória, esquecimento e (in)significação. In: NAVARRO, P. (org.). O discurso nos domínios da linguagem e da história. São Carlos:

BARONAS, R. L.; COX, M. Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração. Revista Fórum Linguístico, Florianópolis, SC, v. 16, n. 4, 2019.

BARONAS, Roberto Leiser; CONTI, Tamires Cristina Bonani; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros. Linguística popular/ folk linguistics: saberes linguísticos de meia tigela? [recurso eletrônico]. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2021. Editora Claraluz, 2008.

CANDAU J. Anthropologie de la mémoire. Paris: PUF, 1996 [Antropologia da memória. Lisboa: Instituto Piaget, 2013].

CHARAUDEAU, P. Linguagem e discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2013.

COURTINE, J-J. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. Languages, n. 114, p. 5-12, jun. 1994.

FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. [1969]. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1905].

GADET, F.; PÊCHEUX, M. A língua inatingível: o discurso na história da Linguística. Campinas: Pontes, 2004.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990. [Original de 1968]

KRIEG-PLANQUE. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Trad. Luciana Salazar Salgado. In: Revista de popularização científica em Ciências da Linguagem – Linguasagem, 16. ed. 2011. Disponível em: [www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edição16](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edição16). Acesso em 25.12.2020.

MANGUENEAU, D. Unidades tópicas e não-tópicas. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs). Cenas da enunciação. Trad. Sírio Possenti et al. Curitiba-PR: Criar, 2006.

MOIRAND, S. Discursos sobre a ciência e posicionamentos ideológicos: retorno sobre as noções de formação discursiva e de memória discursiva. In: BARONAS, R.L. Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

PAVEAU, M-A. Linguagem e Moral: Uma Ética das Virtudes Discursivas. Campinas: Editora UNICAMP, 2015.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso. [1975] Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et.al. Campinas: UNICAMP, 1995.

POSSENTI, S. Questões para analistas do discurso. São Paulo: Parábola, 2009.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

\_\_\_\_\_. *Trabalhar os discursos na pluridisciplinaridade: exemplos de uma « maneira de fazer » em análise do discurso* dans Simone BONNAFOUS et Malika TEMMAR (dir.), *Analyse du discours et sciences humaines et sociales*, Paris, Ophrys, coll. *Les chemins du discours* ; p. 57-71. Tradução brasileira. BARONAS, R. L. & MIOTELLO, V. **Análise de Discurso: teorizações e métodos**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011b.

\_\_\_\_\_ and Christoph Purschke, Review of Dialectological & folk dialectological concepts of space: Current methods & perspectives in sociolinguistic research on dialect change, (*Linguae & Litterae*. 17). S. Hansen, C. Schwarz, P. Stoeckle, & T. Streck (eds). 2012. Berlin/Boston: De Gruyter, for ZDL (*Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik* 81,1:83-90).

\_\_\_\_\_ and Erica Bernson. 2002. I dialettologi incontrano la percezione: per farne che cose? *Revista Italiano di Dialettologia* XXVI, 19-47.

\_\_\_\_\_ and George M. Howe. 1987. Computerized Generalizations of Mental Maps. In: Denning, Keith M. / Inkelas, Sharon / McNair-Knox, Faye C. / Rickford, John R. (eds.). *Variation in Language: NWAV-XV at Stanford: Proceedings of the Fifteenth Annual Conference on New Ways of Analyzing Variation*. Stanford: Department of Linguistics.

\_\_\_\_\_ and Gregory C. Robinson. 2005. Dialect perception & attitudes to variation. M. Ball (ed.). *Clinical sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 133-149.

\_\_\_\_\_ and Jennifer Cramer (eds). 2018. "Changing perceptions of Southernness," Special double issue of *American Speech* 93:3&4, Fall-Winter 2018.

\_\_\_\_\_. (ed.). 1993. *American dialect research*. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins.

\_\_\_\_\_. (ed.). 1999. *Handbook of perceptual dialectology*. Amsterdam: Benjamins.

\_\_\_\_\_. (ed.). 1999. *Handbook of Perceptual Dialectology*. Volume 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_. « *La notion d' " observable en discours " . Jusqu'ou à aller avec les sciences du langage dans l'étude des pratiques d'écriture journalistique ? »*, dans Marcel BURGER (dir.), **L'analyse linguistique des discours médiatiques. Entre sciences du langage et sciences de la communication**, Québec, Université de Laval, Editions Nota Bene, 2008.

\_\_\_\_\_. «**Purification ethnique** ». **Une formule et son histoire**. Paris : CNRS Éditions, 2003. Collection Communication, 2003.

- \_\_\_\_\_. 1982. Perceptual dialectology: Mental maps of United States dialects from a Hawaiian perspective. Dennis R. Preston (ed.), *Working Papers in Linguistics* 14,2:5-49.
- \_\_\_\_\_. 1985. Mental maps of language distribution in Rio Grande do Sul (Brazil). *The Geographical Bulletin* 27:46-64.
- \_\_\_\_\_. 1985. Southern Indiana perceptions of "Correct" and "Pleasant" speech. H. Warkentyne (ed.), *Methods/Méthodes V* (Papers from the Vth International Conference on Methods in Dialectology), University of Victoria, British Columbia, 387-411.
- \_\_\_\_\_. 1986. Five visions of America. *Language in Society* 15, 221-40.
- \_\_\_\_\_. 1988. Change in the perception of language varieties. In J. Fisiak (ed.), *Historical dialectology: regional and social*. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton De Gruyter, 475-504.
- \_\_\_\_\_. 1988. Methods in the study of dialect perception. In Alan Thomas (ed.), *Methods in dialectology*. Clevedon, Avon and Philadelphia: Multilingual Matters, 373-95.
- \_\_\_\_\_. 1988. New trends in perceptual dialectology. Hong Kong Conference on Language and Society, Hong Kong, April.
- \_\_\_\_\_. 1988. Sociolinguistic commonplaces in variety perception. K. Ferrara et al. (eds). *Linguistic change and contact. Proceedings of NWAV 16* (=Texas Linguistics Forum 30). Austin: Department of Linguistics, University of Texas, 279-92.
- \_\_\_\_\_. 1988. The nicest English is in Indiana. *Studia Germanica Posnaniensia* 14:169-93.
- \_\_\_\_\_. 1989. Perceptual dialectology. *Nonlinguists' Views of Areal Linguistics*. Dordrecht: Foris. (Reviews: T. Frazer, *Language* 66,3:650-1; Craig Carver, *American Speech* 66,4:432-37; Ronald Butters, *Language in Society* 20:294-99.)
- \_\_\_\_\_. 1989. Standard English spoken here: The geographical loci of linguistic norms. In U. Ammon (ed.), *Status and function of language and language varieties*. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 324-54.
- \_\_\_\_\_. 1992. Talking black and talking white: a study in variety imitation. In Joan Hall, N. Doane, and D. Ringler (eds). *Old English and new: Studies in language and linguistics in honor of Frederic G. Cassidy*. New York: Garland, 326-55.
- \_\_\_\_\_. 1993. Folk dialect maps. In Wayne Glowka and Donald M. Lance (eds), *Language variation in North American English: Research and teaching*. New York: Modern Language Association of America, 105-18.
- \_\_\_\_\_. 1993. Folk dialectology. In Dennis R. Preston (ed.), *American dialect research*. Amsterdam: Benjamins, 333-77.
- \_\_\_\_\_. 1993. Two heartland perceptions of language variety. (Revision of 'Standard English spoken here' [1989]). In T. Frazer (ed.), 'Heartland' English. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 23-47.

- \_\_\_\_\_. 1995. Hôgen ninchi chizu [Perceptual dialect maps]. In D. B. West (ed.), *Pasokon kokugo kokubungaku [Japanese linguistics and language on the personal computer]*. Tokyo: Keibunsha, 157-71.
- \_\_\_\_\_. 1996. Where the worst English is spoken. E. Schneider (ed.). *Focus on the USA*. Amsterdam: Benjamins, 297-360.
- \_\_\_\_\_. 1997. The South: The touchstone. Cynthia Bernstein, Tom Nunnally, and Robin Sabino (eds), *Language variety in the South revisited (Proceedings of the LAVIS II Conference, Auburn University, April 1-3, 1993)*. University, AL: University of Alabama Press, 311-51.
- \_\_\_\_\_. 1998. They speak bad English in the South and New York City, don't they? L. Bauer & P. Trudgill (eds). *Language myths*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin, 139-49.
- \_\_\_\_\_. 1998. Two heartland perceptions of language variety. T. Frazer (ed.). "Heartland" English. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 23-47. (Reprinted in M. Linn (ed.). *Handbook of dialects and language variation*, 2nd ed. New York: Academic Press, 343-73.)
- \_\_\_\_\_. 1998. Why we need to know what real people think about language. *The*
- \_\_\_\_\_. 1999. A language attitude analysis of regional US Speech: Is northern US English not friendly enough? *Cuadernos de Filología Inglesa* 8. (Variation and Linguistic Change in English: Diachronic and Synchronic Studies), J. C. Conde-Silvestre & J. M. Hernández-Campoy (eds), 129-46.
- \_\_\_\_\_. 1999. A Language Attitude Approach to the Perception of Regional Variety. In Preston (ed.), 359-73.
- \_\_\_\_\_. 1999. Perceptual dialectology (in Japanese, translated by Y. Nakamura). *Reports of the Osaka Shoin Women's College Japanese Language Research Center*, Vol. 7, 1-40.
- \_\_\_\_\_. 2000. Some plain facts about Americans and their language. *American Speech* 75,4:398-401.
- \_\_\_\_\_. 2002. Down and out in perceptual dialectology. M. D'Agostino (ed.). *Percezione dello spazio, spazio della percezione. La variazione linguistica fra vecchi e nuovi strumenti di analisi*. University of Palermo, *Linguistic Atlas of Sicily (Materiali e Ricerche #10)*, 11-37.
- \_\_\_\_\_. 2002. Perceptual dialectology: Aims, methods, findings. J. Berns & J. Van Marle (eds). *Present-day dialectology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 57-104.
- \_\_\_\_\_. 2003. Where are the dialects of American English at anyhow? *American Speech* 78,3:235-54.
- \_\_\_\_\_. 2005. Belle's body just caught the fit gnat: The perception of Northern Cities shifted vowels by local speakers. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics (Papers from NWAV 33, ed. by Suzanne E. Wagner)* 11 (2): 133-146.

- \_\_\_\_\_. 2005. Dialects across internal frontiers: Some cognitive boundaries. In Filppula et al. (eds), 121-55.
- \_\_\_\_\_. 2005. Perceptual dialectology. U. Ammon, N. Dittmar, K. Mattheier, & P. Trudgill (eds). *Sociolinguistics: An international handbook of the science of language and society* (2nd ed.). Berlin & New York: Walter de Gruyter, 1683-96.
- \_\_\_\_\_. 2006. Perceptual dialectology. *The encyclopedia of language and linguistics*, Vol. 4 (2nd ed., K. Brown, ed.). Oxford: Elsevier, 258-65.
- \_\_\_\_\_. 2007. Perceptions of Southern English. *The new encyclopedia of southern culture: Volume 5 "Language."* M. Montgomery & E. Johnson (eds). Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 164-68.
- \_\_\_\_\_. 2010. Language, people, salience, space: Perceptual dialectology & language regard. *Dialectologia* 5:87-131 (Summer) <http://www.publicacions.ub.es/revistes/dialectologia5/>.
- \_\_\_\_\_. 2010. Language, space, and the folk. P. Auer & J. Schmidt (eds), *Language and space: Vol. I*. Berlin: Mouton de Gruyter, 179-201.
- \_\_\_\_\_. 2010. Perceptual dialectology in the 21st Century. M. Hundt, A. Lasch, & C. A. Anders (eds). *Perceptual dialectology. Neue Wege der Dialektologie*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_. 2010. Perceptual dialectology: Mapping the geolinguistic spaces in your brain. A. Lameli, R. Kehrein, & S. Rabanus (eds), *Mapping language*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_. 2010. Variation in language regard. E. Zeigler, P. Gilles, & J. Scharloth (eds), *Variation delectat: Empirische Evidenzen und theoretische Passungen sprachlicher Variation (für Klaus J. Mattheier zum 65. Geburtstag)*. Frankfurt am Main · Berlin · Bruxelles · New York · Oxford · Wien: Peter Lang, 7-27.
- \_\_\_\_\_. 2013. Old and new ways in perceptual dialectology. *Proceedings of the Japanese Language Variation and Change Conference 2013*. Tokyo: National Institute for Japanese Language and Linguistics, 4-21 (in Japanese, 23-30).
- \_\_\_\_\_. 2016. Introduction. J. Cramer & C. Montgomery (eds), *Cityscapes & perceptual dialectology: Global perspectives on non-linguists' knowledge of the dialect landscape*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1-8.
- \_\_\_\_\_. 2017. The perception of language differences: Why should you care? Attila Benő and Noémi Fazakas (eds). *Proceedings of the 19<sup>th</sup> Hungarian Sociolinguistics Conference (Élőnyelvi kutatások és a dialektológia, Marosvásárhely, Romania)*. Kolozsvár: Erdélyi Múzeum Egyesület, 11-26.
- \_\_\_\_\_. 2018. Perceptual dialectology. Charles Boberg, John Nerbonne, and Dominic Watt (eds), *Handbook of dialectology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 177-203.

- \_\_\_\_\_. 2018. What's new in perceptual dialectology? Marjatta Palander, Vesa Koivisto, & Helka Riionheimo (eds), *On the borderline of Finnish and Karelian. Perspectives on cognate languages and dialects*. The Finnish Literary Society. 16-37. <https://oa.finlit.fi/site/books/10.21435/sflin.21/>
- \_\_\_\_\_. A aforização proverbial e o feminino. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. S. **Fórmulas discursivas**. São Paulo, Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Analyser les discours institutionnels**. Paris, FR, Armand Colin. 2012.
- \_\_\_\_\_. Citação e destacabilidade. In: \_\_\_\_\_. **Cenas da enunciação**. Org. Sírío Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba, PR: Criar Edições, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- \_\_\_\_\_. Discursos sobre a ciência e posicionamentos ideológicos: retorno sobre as noções de formação discursiva e de memória discursiva. In: BARONAS, R. (Org.) **Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014.
- \_\_\_\_\_. In press. The perception of language varieties: What's going on? For Benjamin Meisnitzer & Jannis Harjus (eds), *A consciência metalinguística dos falantes: representações e percepções das variedades portuguesas no mundo lusófono (Romanistische Arbeiten interkulturell und interdisziplinär)*. New York/Berlin: Peter Lang.
- \_\_\_\_\_. *La formule "développement durable": un opérateur de neutralisation de la conflictualité* », *Langage & Société*, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme. Actes du colloque « Le français parlé dans les médias : les médias et le politique » (Lausanne / 2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli (éds). Tradução brasileira Roberto Leiser Baronas. "A fórmula desenvolvimento sustentável: um operador de neutralização de conflitos". In: **Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – Linguasagem nº 19**, São Carlos, SP: [www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem) 2012. (no prelo para publicação).

\_\_\_\_\_. La médiatisation des événements : Une analyse du discours entre langue, mémoire et communication. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 2., 2012, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2012. (No prelo para publicação)

\_\_\_\_\_. Language attitudes to speech. 2004. E. Finegan & J. Rickford (eds). Language in the USA. Cambridge: Cambridge University Press, 480-92.

\_\_\_\_\_. Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 2015.

\_\_\_\_\_. O Chapéu de Clémentis. In: **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. F. Indursky e M. C. Leandro Ferreira (Orgs.). Porto Alegre, Ed. Sagra Luzzatto, 1999a.

\_\_\_\_\_. O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985). Trad. Heloisa Monteiro Rosário. In: Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 6, 1999b.

\_\_\_\_\_. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. "*Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation*". In: BONHOMME, M. ; LUGRIN, G. (Éds.). **Interdiscours et intertextualité dans les médias**. Travaux Neuchâtelois de Linguistique, n. 44, septembre 2006a.

\_\_\_\_\_. « *Un lieu discursif : “ Nous ne pourrions pas dire que nous ne savions pas ”. Etude d'une mise en discours de la morale* », Mots. Les langages du politique, Lyon, ENS Editions, n°92, 2010b.

\_\_\_\_\_. **A noção de “fórmula” em análise do discurso** – quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Aforização: enunciados sem texto?* In: \_\_\_\_\_. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. Aforizações políticas, mídias e circulação de enunciados. **Revista Linguagem**, ed. 20, 2008, p. 1-18. Trad. de Roberto Leiser Baronas e Fernanda Mussalim. Disponível em: <[http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/artigos/artigo\\_001.pdf](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/artigos/artigo_001.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **La communication comme outil de gouvernement: définition et enjeux de la politique du discours, mémoire pour l'habilitation à diriger des recherches** (HDR) en Sciences de l'information et de la communication, Université Paris 12 - Val-de-Marne, 2008.

\_\_\_\_\_. *Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados*. Tradução de Luciana Salazar Salgado. In: **Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – Linguagem n° 16**, São Carlos, SP: [www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem) 2011a.

\_\_\_\_\_. «*De la surassertion à l'aphorisation* », dans Juan Manuel LOPEZ-MUNOZ, Sophie MARNETTE et Laurence ROSIER (dir.), **Dans la jungle des discours : genres de discours et discours rapporté**, Actes du colloque Ci-Dit 2004, Presses de l'Université de Cadix, Cadix, 2006b.

BAKHTIN, M. **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1984.

BARONAS, R. Algumas considerações discursivas sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2010. **Discurso & Sociedad**. v. 7(3), 447- 489, 2013. Disponível em: <[http://www.dissoc.org/ediciones/v07n03/DS7\(3\)Baronas.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v07n03/DS7(3)Baronas.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2016.

BARONAS, R.; MESTI, P. C.; BONANI, T. Notas sobre uma pequena frase-acontecimento de Lula. In: BARONAS, R. *et al.* **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica: abordagens discursivas**. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 173-190.

BONNAFOUS, & TEMMAR, M. (dir.), **Analyse du discours et sciences humaines et sociales**, Paris, Ophrys, coll. Les chemins du discours, 2007.

BRAIT, B. Ironia em perspectiva polifônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

Centennial Review XLII 2:255-84.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Org.) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

COURTINE J.-J. (éd.). **Analyse du discours politique**, Langages 62, 1981.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. In. **Morpheus** - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

KRIEG-PLANQUE, A. As pequenas frases: um objeto para análise dos discursos políticos e midiáticos. In: BARONAS, R. *et al.* **Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica: abordagens discursivas**. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 13-38.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.

MENESES, U. B. de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34. São Paulo, 1992, p. 09-24.

MILANEZ, N. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. In: **Langage and Culture**, v. 35, n. 4, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/20232>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. **Estudos da Lingua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 7-46, 2008.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S. **Fórmulas discursivas**. São Paulo, Contexto, 2011.

OGER, Claire et Caroline OLLIVIER-YANIN, « *Conjurer le désordre discursif. Les procédés de “ lissage ” dans la fabrication du discours institutionnel* », Mots. **Les langages du politique**, Lyon, ENS Editions, n°81, 2006.

OLLIVIER-YANIV, Caroline, « *La fabrique du discours politique : les “ écrivants ” des prises de parole publiques ministérielles* », dans Simone BONNAFOUS, Pierre CHIRON, Dominique DUCARD, Carlos LEVY (dir.), **Discours et rhétorique politique**. Actes du colloque « Le français parlé dans les médias : les médias et Le politique » (Lausanne / 2009) Marcel Burger, Jérôme Jacquin, Raphaël Micheli (éds) Antiquité grecque et latine, Révolution française, monde contemporain, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, coll. Res Publica, 2003.

PAVEAU, M-A. Reencontrar a memória. Percurso epistemológico e histórico. **Anais do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso (II SEAD)**. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/MarieAnnePaveau.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

Preston, Dennis R. 1981. Perceptual dialectology: Mental maps of United States dialects from a Hawaiian perspective (summary). In Henry Warkentyne (ed.), *Methods IV/Méthodes IV* (Papers from the Fourth International Conference on Methods in Dialectology). University of Victoria, British Columbia, 192-98. (Summary of Preston 1982.)

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, A.; FERREIRA, L. M. A. Acontecimento e(m) Discurso: a disputa de sentidos sobre a ocupação de uma favela carioca em relatos jornalísticos brasileiros e estrangeiros. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/2237-4876.2013v16n121/13198>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

VÉRON, E. (Org.). **El discurso político, lenguajes y acontecimientos**. Buenos Aires, Hachette, 1987.

ZOPPI-FONTANA, M. C. **Cidadãos modernos: discurso e representação política**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.



## ANEXOS

### NÓS NA FITA

- Alô, Leandro?
- Alô
- Como você tá?
- **Não como você, mas gostaria!**
- Ô rapaz, eu tô ligando pra pedir sua ajuda profissional.
- Fala aí rapaz.
- Eu to abrindo uma fábrica de ralo.
- Fábrica de ralo?
- É, ralo.
- Sei.
- E eu não tenho onde expor, eu sei que você tem um quintal grande aí nos fundos.
- Tem sim.
- **Eu posso expor ralo aí atrás?**
- Não vai dar não, não vai dar não, porque eu tô com um estoque de antenas aqui, que agora eu vendo antenas, né? Eu ia até te chamar pra vender antena comigo, o negócio é assim, **você vende quatro que eu te dou uma montada.**
- Não vai dar não rapaz, que eu tô abrindo uma barraca na feira.
- É?
- Barraca de cáqui, eu ia até te pedir um dinheiro emprestado pra comprar cáqui. **Acabou o cáqui eu te pago na hora.**
- Vou emprestar não, ouvi dizer que você é mau caráter. Cuidado, hein! **fica passando os amigos pra trás vai ficar sujo na rodinha.**
- Rapaz, me admira você falar um negócio desses de mim. Um cara culto como você, você não é culto?
- Eu sou, eu leio muito.
- Tá sempre lendo.
- Adoro ler.
- Sempre carregando um livro
- Sempre.
- É livro pra lá, é livro pra cá. **Ta com o livrinho aí, agora?**
- Tô não, rapaz. Você que é um cara muito inteligente. **Eu atrás de você me sinto um jegue.**
- Vamos trocar de assunto, vamos?
- Vamos!
- Eu soube que você comprou um carro.
- Comprei um carro novo, é.
- Diz que porta-malas é imenso.
- Imenso.
- Agora o espaço interno, nem tanto.
- É pequeno mesmo.
- É, **me falaram que você carrega pouco na frente, o grosso mesmo você leva atrás.**
- Olha, vamos mudar de assunto. Eu vou fazer um churrasco, aqui em casa, amanhã e ouvi dizer que você entende muito de churrasco, é verdade?
- É verdade.
- **Sabe se um quilo de linguça da pra vinte comer?**
- Dá não, rapaz...

- É pouco é?
- Rapaz, agora você falou de comida me lembrou um incidente que aconteceu aqui em casa, hoje.
- O que que houve?
- Eu fui cozinhar um ovo, escorreguei e deixei o ovo cair. Quando quebrou, tinha um pintinho no ovo.
- Que coisa, hein?
- Rapaz, tinha um pintinho no ovo. **Agora imagina, se eu cozinho com o pinto dentro?**
- Eu tô fraco a bessa de imaginação. Mas, olha que coincidência: eu também tô na cozinha agora. Eu tô fazendo um cafézinho, você gosta de café, não gosta?
- Adoro.
- Agora, **você gosta do café na cafeteira ou no coador é mais forte?**
- Da cafeteira, rapaz...
- Sei...
- Agora, você com essa piada aí, o que vai ter de gente na Petrobras falando isso pra moça do cafezinho, vai ficar uma coisa desagradável.
- É, vai mesmo, a ideia é essa...
- Agora rapaz, você quase acertou, eu gosto muito de café, mas eu prefiro sorvete.
- Aham.
- Rapaz, eu gosto tanto de sorvete que essa noite eu sonhei que a gente tava vendendo sorvete. Mas, a gente era concorrente. Cada um com sua carrocinha, **eu ia atrás empurrando e gritando “Kibom” e você na frente “Opa!”**
- Olha aí rapaz, outra coincidência, eu também sonhei com você essa noite.
- Ah, é?
- Tive um sonho muito bonito. Sonhei que você vinha correndo na minha direção chorando, chegava na minha frente, **se ajoelhava, com um terço na mão, dois terços na boca. Uma coisa bonita mesmo.**
- Vamos trocar de assunto!
- Tá bom...
- Vamos falar de futebol.
- Futebol!
- Continua jogando muito futebol?
- Adoro!
- Sabe que isso me preocupa, né? Futebol é um esporte violento. **Tá levando muita bolada no queixo, cabeçada no céu da boca?**
- Não, parei de jogar bola... Você que jogou um bolão, que eu me lembro. Chegou a jogar até com os profissionais, não foi?
- Foi, foi.
- **Você que jogou com o Zinho, não jogou? Você jogou com o Zinho no Flamengo, que eu me lembro! Chegou a jogar com o Zinho até no Japão.**
- Ô rapaz, me admira você falar um negócio desse de mim, um cara religioso como você. Você não é um cara religioso?
- Ah é, sou mesmo.
- Você é católico, né?
- Sou, fui ao Vaticano, até...
- Você foi ao Vaticano, que bonito, rapaz.
- Fui, fui conhecer o Papa.
- Foi conhecer o Papa?
- É.
- **E você continua fazendo visita Papal?**

- Tô meio brigado com a igreja... **É rapaz, eles tão querendo colocar dois papas em vez de um só.**
- Dois?
- **É, você é a favor que entre mais um membro?**
- Vamos trocar de assunto, vamos? Vem cá, você ia ao cinema com sua mulher, mas não vai mais, né?
- É, não vou não...
- **É, eu encontrei a sua mulher hoje, ela me ofereceu as duas entradas.**
- Bacana, e agora?
- Agora eu vou ter que desligar. Olha, lembrança aí a quem for da família,
- **Ô, cê me desculpa aí se eu te machuquei por dentro, é que eu sou muito cabeça dura.**

**Excerto 1:**

- Alô
- Como você tá?
- **Não como você, mas gostaria!**

**Excerto 2:**

**“Sabe se vinte quilos de carne dá pra vinte comer?”** (dá pra vim te comer?).

**Excerto 3:**

- Eu to abrindo uma fábrica de ralo.
- Fábrica de ralo?
- É, ralo.
- Sei.
- E eu não tenho onde expor, eu sei que você tem um quintal grande aí nos fundos.
- Tem sim.
- **Eu posso expor ralo aí atrás?**

**Excerto 4:**

**“Você que é um cara muito inteligente. Eu atrás de você me sinto um jegue,**

**Excerto 5:**

- Eu fui cozinhar um ovo, escorreguei e deixei o ovo cair. Quando quebrou, **tinha um pintinho no ovo.**

- Que coisa, hein?

- Rapaz, **tinha um pintinho no ovo. Agora imagina, se eu cozinho com o pinto dentro?**

#### **Excerto 6:**

- Tô meio brigado com a igreja... é rapaz, eles tão querendo colocar **dois papas** em vez de um só.

- Dois?

- **É, você é a favor que entre mais um membro?**

#### **Excerto 7:**

- Vamos trocar de assunto, vamos? Vem cá, você ia ao cinema com sua mulher, mas não vai mais, né?

- É, não vou não...

- **É, eu encontrei a sua mulher hoje, ela me ofereceu as duas entradas.**